EDUCA DANCE

DANÇAS URBANAS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
SECRETARIA DE CULTURA

PPCA
PROGRAMA DE PROMOÇÃO DA CULTURA ARTÍSTICA

IEFES-UFC
Instituto de Educação Física e Esportes

Organização

Marcos Antônio Almeida Campos

Maria Eleni Henrique da Silva

Autoria

Sarah Brito de Morais

Lucas Lázaro Viana Costa

Apoio

Universidade Federal do Ceará

Secretaria de Cultura Artística da UFC

Instituto de Educação Física e Esportes da UFC

PREFÁCIO

Desde 2009, o Educadance desenvolve atividades ligadas à dança nos mais diversos formatos, abrindo espaços para aulas, oficinas e materiais; construindo diálogos em que extensão, ensino e pesquisa dialogam em busca da valorização da arte e da educação, na Universidade Federal do Ceará. Até 2012 foi apoiada pela Pró-Reitoria de Extensão e desde 2013 é uma das ações de maior destaque na Secretaria de Cultura da UFC. Dezenas de graduandos de diversos cursos já foram monitores(as) remunerados(as) e voluntários(as) no projeto, participando ativamente da proposta principal do projeto, que é a formação artística universitária. Inclusive, muitos destes monitores trabalham em empresas, companhias e escolas atualmente, e afirmam que a experiência no Educadance foi fundamental em suas trajetórias.

Nesses 14 anos de existência, já foram implementadas propostas ligadas ao Balé, Dança Contemporânea, Danças de Salão, Danças Urbanas, Danças da Moda, *K-Pop*, Dança Afro, entre outras linguagens. Já foram feitas oficinas em escolas públicas; capacitações para professores e agentes culturais; participação em eventos internos e externos; aulas presenciais e virtuais; e tantas outras ações de incentivo à dança. Centenas de alunos foram atendidos nas turmas abertas todo ano, de forma gratuita, para graduandos e pessoas da comunidade em geral, de todas as idades. Para isto, tivemos o apoio do Instituto de Educação Física e Esportes da UFC, que é o local onde ocorrem as aulas, na sala de dança desta unidade acadêmica. É deste Instituto também os docentes e servidores que estiveram e estão à frente do Educadance.

Buscando ampliar as ações do projeto, propomo-nos a produzir materiais didáticos que, futuramente, irão compor uma publicação única, objetivando facilitar o trabalho de professores que queiram desenvolver a dança na escola, artistas que queiram ampliar seus repertórios, escolas que queiram diversificar suas ofertas no campo artístico e cultural. Assim, como primeiro produto desta proposta, entregamos a **Apostila de Danças Urbanas**. Esta apostila é um dos frutos do período em que tivemos que nos adaptar à pandemia do Covid 19. Como não podíamos promover aulas presenciais, como de costume até 2019, uma das formas de justificarmos as bolsas a nós concedidas pela Secretaria de Cultura da UFC foi a produção de material gratuito, a ser oferecido à comunidade.

A Apostila de Danças Urbanas do Educadance é fruto da pesquisa e escrita dos monitores Lucas Lázaro Viana Costa e Sarah Brito de Morais, que abraçaram a ideia com responsabilidade e competência. Foi proposto aos dois que seguissem um objetivo principal expresso na seguinte pergunta: como produzir um material didático capaz de fazer um(a) professor(a) sem experiência ter capacidade de levar as Danças Urbanas para seu planejamento de aulas? Sabemos que essa apostila servirá para outros públicos, não somente para professores sem experiência nesta linguagem; no entanto, entendemos que este é o público mais carente de materiais didáticos de qualidade. Outro ponto importante neste contexto é que este material dialogasse com referências fundamentais na área de ensino, como a Base Nacional Comum Curricular, os Parâmetros Curriculares Nacionais, entre outros.

Não queremos inferir que essa apostila irá resolver todas as dificuldades e desafios de desenvolver esse conteúdo. Para tanto, a ideia é que as apostilas do projeto, de todas as linguagens, sejam atualizadas e ampliadas. Vale ressaltar que outras fontes de pesquisa se somam a este material, como as plataformas digitais de músicas e vídeos, que também são bases inesgotáveis de pesquisa. Realmente queremos somar neste contexto, e não ser uma referência fechada em si.

Agradecemos a todo apoio que sempre tivemos; aos(às) monitores(as) que fazem parte desta história e esperamos que possam desfrutar da apostila, inserindo as Danças Urbanas de forma contextualizada e diversificada em escolas, academias, projetos sociais e quaisquer outros ambientes e oportunidades que sejam possíveis.

Caso queiram, sigam o perfil do Instagram do projeto: @educadance.iefes

Prof. Dr. Marcos Antônio Almeida Campos
Coordenador do Educadance
Março de 2022

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1 – Bairro Bronx na década de 1970.....2

IMAGEM 2 – DJ Kool Herc comandando os toca-discos.....3

IMAGEM 3 – Convite da primeira festa de *Hip Hop*.....3

IMAGEM 4 – MC Cook La Rock ao lado esquerdo e DJ Kool Herc ao lado direito.....4

IMAGEM 5 – DJ Afrika Bambaataa comandando os toca-discos.....5

IMAGEM 6 – DJ Grandmaster Flash tocando em uma festa.....7

IMAGEM 7 - Jovens reunidos na concha acústica da Estação de Metrô São Bento em São Paulo, para cantar RAP e dançar *Breaking*, na década de 1980.....9

IMAGEM 8 – Grupo *The Lockers*. Sentando na escada o precursor da dança *Locking* e criador do grupo, Don Campbellock.....17

IMAGEM 9 – Exemplo de vestimenta da dança *Locking*.....18

IMAGEM 10 – Dançarinos de *Breaking* realizando *Footworks* no chão, apenas com a proteção das vestimentas.....19

IMAGEM 11 – *B.boy* Bart realizando um *Powermove* na disputa do *Red Bull BC One E-Battle*.....20

IMAGEM 12 – *B.girl* realizando um *Freeze*.....21

IMAGEM 13 – Grupo *The Electric Boogaloos*, ao centro da imagem, o precursor da dança *Popping* e do grupo, Boogaloo Sam.....24

IMAGEM 14 – Diferença das posturas corporais em relação ao *Hip Hop Dance* e as Danças Clássicas.....27

IMAGEM 15 – Dançarinos fazendo movimentos com as mãos característicos da dança *Waacking*.....29

IMAGEM 16 – Logo da *Imperial House of Waacking* (IHOW).....31

IMAGEM 17 – Exemplos de poses muito utilizadas na dança *Voguing*.....33

IMAGEM 18 – Cena de *POSE* (2018).....34

IMAGEM 19 – Dançarinos realizando movimentos de *Footwork* característicos do *House Dance*.....37

IMAGEM 20 – Banner de divulgação do Festival de Danças Urbanas *House Dance International* NYC de 2017.....38

IMAGEM 21 – Dançarina realizando movimentos de *Dance Hall*.....39

IMAGEM 22 – Dançarino mostrando expressões faciais de raiva e expressões corporais enérgica e fortes, características da dança KRUMP.....40

IMAGEM 23 – Pôster do filme *Rize* (2005).....42

IMAGEM 24 - Exemplo da proposta de atividade "1) Colorindo as vertentes das Danças Urbanas".....48

IMAGEM 25 - Exemplo da proposta de atividade "2) Colorindo as vestimentas características da cultura *Hip Hop*".....49

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - Estilos ligados à dança *Popping*.....25

TABELA 2 - Objetos de Conhecimento da Educação Física - Ensino Fundamental Anos Finais (BNCC).....44

TABELA 3 - Modelo de ensino das Danças Urbanas.....45

TABELA 4 - Diferenciação e reconhecimento dos itens: vestuário, músicas e histórico.....46

SUMÁRIO

1. O COMEÇO DE TUDO 1

2. O *HIP HOP* NO BRASIL 9

3. *HIP HOP*, *STREET DANCE*, DANÇA DE RUA, *BREAK DANCING* OU DANÇAS URBANAS? 12

4. AS DANÇAS URBANAS 16

4.1 *LOCKING* 16

4.2 *BREAKING* 18

4.3 *POPPING* 23

4.4 *HIP HOP DANCE/FREESTYLE* 25

4.5 *WAACKING* 28

4.6 *VOGUING* 31

4.7 *HOUSE DANCE* 36

4.8 *DANCE HALL/RAGGA* 38

4.9 KRUMP 39

5. ABORDAGENS DE ENSINO 43

6. ESTRATÉGIAS E PROPOSTAS DE ATIVIDADES PARA AS AULAS DE DANÇAS URBANAS 47

6.1 PROPOSTAS DE ATIVIDADES 48

LINKS SUGERIDOS 55

REFERÊNCIAS 58

1. O COMEÇO DE TUDO

Tudo começou nos guetos de Nova York, na década de 1970, uma época totalmente influenciada pela explosão da *Disco Music*, onde muitos magnatas e celebridades enchiam as boates e esbanjavam riqueza nas discotecas. Em contraposição a esse cenário, o bairro Bronx passava por uma situação de extrema pobreza e abandono por parte do Estado.

Essa foi uma época marcada pelo acirramento das condições de capitalismo em vários países, causando muitas desigualdades nas esferas econômicas e sociais, acentuando-se ainda mais a pobreza, o preconceito racial, a violência, dentre outros aspectos. Assim, não só o bairro Bronx sofreu com esses problemas, mas também muitas outras comunidades dos Estados Unidos.

Além disso, houve um grande crescimento urbano e tecnológico que acabou promovendo divisão de trabalho e um grande percentual de desemprego nessas comunidades, devido à automação de tarefas outrora realizadas manualmente. Segundo Rose (1997) apud Lima e Silva (2004) houve ainda a construção de uma nova rodovia, que gerou a desapropriação de setenta mil residências e acabou ocasionado uma depreciação imobiliária, onde muitas famílias foram realocadas no Bronx, sobretudo negros e hispânicos. Para agravar ainda mais a situação, aconteceram inúmeros incêndios no Bronx (12.300 em apenas um ano) e blecaute em Nova York.

> Com a falsa esperança de receber o dinheiro do seguro habitação, muitos proprietários incendiaram seus próprios edifícios e assim, onde antes havia casas e apartamentos, escombros de lixo ao céu aberto foram depositados e o bairro foi substituído por uma cena de abandono, devastação e pobreza. As famílias de classe média baixa, brancas, majoritariamente irlandeses e judeus, foram forçadas, então, a se realocar em curto tempo em outros complexos habitacionais (GONÇALVES, 2012, p. 19).

> Para culminar tal situação, em 1977 ocorreu um racionamento de água, ocasionando um blecaute em Nova York, momento em que muitas lojas foram saqueadas. Segundo Rose (1997: 201), “nos bairros mais pobres (o South Bronx, BedfordStwyversant, o Brownsviller e as áreas de Crown Heightas no Brooklyn, a área da Jamaica em Queens e Harlem) aconteceu a maior parte dos saques (LIMA; SILVA, 2004, p. 63).

IMAGEM 1: Bairro Bronx na década de 1970.

FONTE: Acervo da internet.

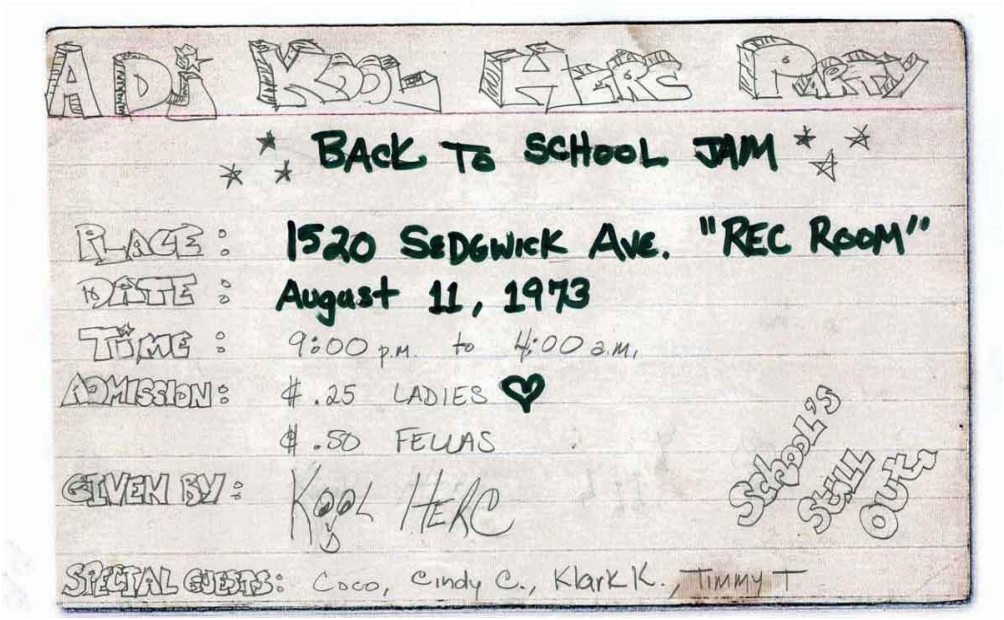
Jovens de diferentes procedências e etnias (afro-americanos, porto-riquenhos e jamaicanos) que habitavam o Bronx, acabavam recorrendo à violência e à criminalidade para se sobressaírem diante da situação precária em que viviam. Influenciados pelos ideais transmitidos desde a década de 1960, defendidos por grandes líderes afro-americanos, como Malcolm X, Martin Luther King, Panteras Negras, dentre outros, além da música *Funk*, decidiram que era necessária uma mudança em suas vidas, e é a partir daí que começa a história do *Hip Hop.*

Uma das principais referências para o início do *Hip Hop*, foi o DJ Kool Herc, um jamaicano que saiu de seu país de origem devido às fortes crises econômicas, vindo morar nos Estados Unidos. Ele foi o responsável por realizar a **primeira festa de *Hip Hop* da história**, datada de **11 de agosto de 1973**, por isso ele pode ser considerado o pai do *Hip Hop*. A festa aconteceu no prédio em que morava, em um salão que cabia por volta de 50 pessoas. A princípio, o intuito da festa era arrecadar dinheiro para comprar o material escolar de volta às aulas de sua irmã; no entanto, a festa foi um grande sucesso.

IMAGEM 2: DJ Kool Herc comandando os toca-discos.

FONTE: Acervo da internet.

IMAGEM 3: Convite da primeira festa de *Hip Hop*.



FONTE: Acervo da internet.

Herc foi considerado um DJ revolucionário, pois não tocava em suas festas músicas de sucesso pertencentes a *Disco Music*; mas sim, ritmos como o *Funk* e a *Soul Music*, que eram estilos musicais criados por negros, acreditando na importância da representatividade social na vida dos moradores do Bronx. Foi ele também quem criou a

técnica de estender o *Break* das músicas, conhecido como *merry-go-round* (carrossel), utilizando dois aparelhos toca-discos.

> Kool Herc, que prestava especial atenção nos dançarinos de suas festas, percebeu que eles esperavam uma certa parte da música para dançar. O momento em que os dançarinos ficavam mais empolgados era durante o curto break, quando a parte instrumental de uma música fica em evidência. Herc então começou a ampliar o break das músicas, fazendo duas cópias de uma mesma música e emendando o break de uma em outra, uma técnica que ele chamava de merry-go-round (carrossel) (GONÇALVES, 2012, p. 29).

No momento em que Herc estendia o *Break* das músicas, os dançarinos formavam rodas para dançar, e por isso acabaram ficando conhecidos como como *Break-boys* (que abreviado fica *B.boys*). Alguns anos depois, o termo "*Break*" também deu nome à dança, *Breaking*. A palavra *"Break"*, como falado anteriormente, se refere a parte principal da música onde os dançarinos dançavam, e *"ing"* dá a ideia de movimento (usado também para a nomeação de outras danças que veremos adiante). É importante ressaltar que nessa época pouquíssimas mulheres participavam dessas rodas de dança; e, por isso, pouco vemos a utilização do termo *B.girl* nessa época.

Além de tocar as músicas, Herc usava uma forma específica de recitação jamaicana, o *toasting* (GONÇALVES, 2012), para animar o público de suas festas; entretanto, começou a sentir a necessidade de ter um assistente para ajudá-lo. Diante disso, surge um jovem chamado Coke La Rock, que ficava com um microfone na mão, animando, mandando recados e interagindo com as pessoas da festa. Por isso ele é considerado o primeiro MC da história da cultura *Hip Hop*.

IMAGEM 4: MC Coke La Rock ao lado esquerdo e DJ Kool Herc ao lado direito.

FONTE: Acervo da internet.

Frente ao desenvolvimento da música e da dança, o grafite também aparece simultaneamente a partir dos jovens do lado sul do Bronx, que se apropriavam de espaços públicos e urbanos, principalmente os vagões do metrô, para ganharem visibilidade por meio de desenhos, "pichações" (como era chamado naquela época) ou *tags* (assinaturas). Essa manifestação artística que tinha como principal instrumento as latas de *sprays* de tinta, proliferaram-se por todo o Bronx, e eram utilizadas pelas gangues como variações das competições masculinas, além de ser uma maneira desses jovens ganharem visibilidade e fama no bairro (GONÇALVES, 2012).

Nesse período, gangues saíam pelas ruas para disputar território e ganhar respeito na região, sendo que muitas vezes a polícia tentava acabar com a disputa reprimindo-os de forma violenta, porém sem êxito. Essas disputas em forma de brigas resultando em muitas prisões e mortes (CHANG, 2005 apud SALVIANO, 2019).

Ainda em 1973, outros dois importantes DJs de diferentes regiões do Bronx, DJ Afrika Bambaataa e DJ GrandMaster Flash, aderiram ao estilo de discotecagem de Herc. Afrika vivia no lado considerado o mais perigoso de todo o Bronx, pois possuía uma grande quantidade de gangues. Inclusive, ele também fazia parte de uma gangue, conhecida como *Black Sade.* Ao se tornar DJ e conquistar o respeito de vários membros de outras gangues, decidiu criar a *Zulu Nation*, uma entidade que buscava mudar a mentalidade dos jovens que viviam na criminalidade, pregando que apenas com "Paz, amor, união e diversão" é que eles poderiam mudar os problemas por eles vividos. O dia da criação da *Zulu Nation*, **12 de novembro de 1973**, é considerado atualmente o **Dia Mundial do Hip Hop**.

IMAGEM 5: DJ Afrika Bambaataa comandando os toca-discos.

FONTE: Acervo da internet.

Nessa época, a identidade dessa nova cultura que estava em construção ainda não tinha um nome definido; ou seja, ainda não se chamava *Hip Hop*. De acordo com Henrique Bianchini [s.d.]:

> Em uma atitude quase inocente e impensada, Afrika Bambaataa divulgou o termo como sendo o nome do tipo de festas que aconteciam no bairro South Bronx no início da década de 70 em New York. Por convenção social (e uma boa ajuda da mídia) o nome se oficializou e todo o movimento cultural que um dia passaria a ser considerado definitivamente uma cultura se assumiu como tal. Nascia a CULTURA HIP HOP.

Foi Bambaataa que divulgou o nome *Hip Hop* pela primeira vez, e caracterizou essa cultura através de quatro elementos principais: o DJ, o RAP, o *Break* e o Grafite. Cada elemento foi se formando separadamente e simultaneamente; somente depois é que a música, a dança e as artes plásticas se juntaram. Segundo Lima e Silva (2004) em todas as manifestações da cultura *Hip Hop*, via-se claramente seu caráter de contestação da realidade e exposição da situação desigualdade social, vivenciados pelas comunidades empobrecidas, dentre elas o Bronx.

Inicialmente, esses elementos se juntavam "em festas ocorridas na própria comunidade, onde o DJ comandava a trilha sonora e o MC ia para dar o seu recado nos microfones e, ao som contagiante, os jovens dançavam o *Break*, e os grafiteiros produziam seus murais de arte" (LIMA; SILVA, 2004, p. 67). O *Hip Hop* "inicialmente era um meio de alimentar a veia artística, uma maneira de se divertir, de criar laços entre pessoas que curtiam as artes urbanas, depois se tornou uma forma de combate ao racismo, à violência e à opressão" (GONÇALVES, 2012, p. 21).

Existem outros autores na literatura que acrescentam ao *Hip Hop* trazendo outros elementos como, por exemplo, o *StreetWear*, modo de se vestir que é próprio do *Hip Hop*; o *Break-Beat*, um estilo de música que se caracteriza pelos ritmos *Hip Hop*, *Funk* e eletrônico, e que logo se modificam e alteram para criar os denominados *breaks* (parte em que o instrumental fica em evidência); e o *Beatbox*, técnica de fazer sons e batidas com a boca (GONÇALVES, 2012).

Ainda hoje é comum a confusão de chamarem o *Hip Hop* de cultura ou movimento. No entanto, a título de esclarecimento, no momento em que os quatro pilares se desenvolviam sozinhos, é que o *Hip Hop* era tido apenas como "movimento". A partir do instante em que esses pilares se unem, podemos considerar que eles se transformaram numa "cultura". O *Hip Hop* é considerado como algo maior do que um simples

movimento; é sim uma cultura, por ter conseguido criar raízes e se desenvolver para além do bairro do sul do Bronx, bem como se manter vivo até hoje.

O DJ Grandmaster Flash aperfeiçoou bastante o que os outros dois DJs haviam criado, desenvolvendo técnicas inovadoras de mixagem, tornando o toca-discos um instrumento musical capaz de produzir um som novo e não apenas de reproduzi-lo. Criou o *Back to Back*, uma técnica mais precisa para estender o *break* das músicas, além de usar movimentos de "vai e vem" com os dedos em cima dos discos, quebrando um grande tabu de que fazendo isso ele estragaria os discos.

IMAGEM 6: DJ Grandmaster Flash tocando em uma festa.

FONTE: Acervo da internet.

Além disso, Grandmaster Flash criou também o primeiro grupo de *Hip Hop Music*, chamado "*The Furious Five"*, que foi febre e fez bastante sucesso na época, mostrando a outros jovens que era possível ganhar muito dinheiro através da música.

O *Hip Hop* era desconhecido fora dos Estados Unidos até antes da década de 1980, onde começou a dar indícios de esgotamento. Frente a isso, os quatro elementos culturais tiveram que se renovar para garantir o seu espaço e mostrar que não eram apenas uma moda passageira. Foi no início dessa década que o grafite, antes tido como uma forma marginal de "pichação", passou dos vagões de metrô e foi entrando aos poucos nas galerias de arte, graças aos curadores que apreciavam a estética "exótica" daquelas pinturas. O MC deu lugar ao RAP e músicas começaram a ser produzidas regularmente e comercializadas. Os dançarinos também começaram a se reinventar e a invadir os espaços

públicos espalhados pela cidade, bem como canais de TV (GONÇALVES, 2012), e as danças (*Locking, Breaking e Popping*) começaram a alcançar outros países, como Brasil, Alemanha, Japão, Austrália e África do Sul.

O *Hip Hop* pode ser visto como mais do que um conjunto de manifestações artísticas, constituindo um universo compartilhado, onde seus sujeitos dividem a mesma identidade, criando complexos simbólicos, uma linguagem própria, bem como, em alguns casos, constroem um estilo de vida, usando elementos dessa cultura em seu dia a dia, através das roupas, das músicas, do andando e da fala, se expressando, basicamente, com as particularidades dessa cultura.

"A televisão, filmes, clipes musicais, espetáculos internacionais, aulas de danças oferecidas no exterior e a internet contribuíram e contribuem para a fomentação e propagação da cultura *Hip Hop* por todo o mundo" (RIBEIRO; CARDOSO, 2011, p. 74), antes marginalizada e restrita à periferia, a cultura *Hip Hop* passou a ter adesão da juventude de todas as classes sociais, sendo reconhecido por companhias de dança, músicos, galerias de arte, além de ser estudada pelas universidades e por diversas academias e pesquisadores, transformando-se em produtos acadêmicos e artísticos.

2. O *HIP HOP* NO BRASIL

A cultura *Soul* e *Funk*, de origem negra, já tinha forte presença no Brasil, e de acordo com Herschmann (2000) apud Reckziegel e Stigger (2005) o *Hip Hop* em nosso país, veio "no embalo" da cultura *black* e desenvolvendo-se em meados da década de 1980, nos salões que animavam as noites paulistana. Logo em seguida, ocupou também as ruas e estações de metrô de São Paulo. Paralelamente, outras cidades como Belo Horizonte e Rio de Janeiro também se envolviam nessa cultura.

IMAGEM 7: Jovens reunidos na concha acústica da Estação de Metrô São Bento em São Paulo, para cantar RAP e dançar *Breaking*, na década de 1980.

FONTE: www.breakingworld.com.br

> Ao contrário dos Estados Unidos, em que a dança era produzida essencialmente na periferia, no Brasil ela foi direcionada para o grande centro de São Paulo, onde um dos pontos de encontro era em frente ao Teatro Municipal. Porém, como o piso era inadequado para a prática da dança, logo adotaram um novo espaço, na rua 24 de Maio esquina com Dom José de Barros, local onde o piso era de mármore, e as lojas que ali se encontravam, vendiam luvas e lantejoulas, tornando assim um ambiente propício para os adeptos da dança (SANTOS, 2014, p. 21).

A música chegou primeiro por meio das estações de rádios e videoclipes, denominada RAP; no entanto, não causou tanto impacto quanto a dança. A dança, mais precisamente a modalidade *Breaking*, aguçou a curiosidade dos jovens, visto que não era realizada em sua maior parte em pé, como no caso das outras danças. "De acordo com

aqueles que acompanharam a chegada do *Hip Hop* no Brasil, a dança é tida como a principal manifestação artística incorporada no nosso país" (GONÇALVES, 2012, p. 39).

> Representado na maioria das grandes capitais do país, o Hip Hop tem suas bases mais desenvolvidas no Rio de Janeiro e, especialmente, em São Paulo, contando com a presença de vários artistas conhecidos do grande público (casos dos Racionais MC's, Pavilhão 9, Thayde e Dj Hum, entre outros), edições de várias publicações especializadas no assunto e a realização de alguns programas de Hip-Hop no rádio e na televisão, como o programa Yo! MTV Raps, produzido e apresentado em São Paulo pela MTV (Music Television), e veiculado para todo o país (STOPPA, 2005, p. 41).

Há controvérsias que a dança chegou por meio da mídia a todos os cantos do Brasil ao mesmo tempo, e não desembarcou primeiramente em São Paulo, como muitas vezes é afirmado. No entanto, Ribeiro e Cardoso (2011, p. 78) apontam que:

> No Brasil, as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, na década de 1980, eram as principais cidades que recebiam filmes, materiais importados, e foram a grande porta de entrada da cultura Hip Hop no Brasil. Contudo, o movimento se desenvolveu em diversas capitais e regiões metropolitanas do país, cada uma com sua particularidade, com um dos elementos ou estilos de dança predominante, além das já citadas, também se destacam Brasília, Belo Horizonte, Recife, Manaus, Curitiba, entre outras (RIBEIRO; CARDOSO, 2011, p. 78).

Simultaneamente, ao final dos anos 80, o RAP e o grafite também ganham espaço. A princípio, o RAP apareceu com a mesma raiz originada nos Estados Unidos, como meio fecundo para mobilizações sociais e conscientização da população. Em relação ao grafite, Arce (1999) afirma que no Rio de Janeiro é surpreendente a quantidade de grafites que povoam a cidade, onde as marcas mais visíveis são os nomes dos grafiteiros e do grupo ao qual fazem parte. A cultura *Hip Hop* ganha força a partir dos laços de identidades proporcionados pela vivência da música, da dança, e mais tarde do grafite, bem como dos diferentes significados que o corpo assume nessa situação.

A mídia teve um papel fundamental para a difusão do *Hip Hop* aqui no país, principalmente com a chegada de filmes como: *Flashdance* (1983), *Breakin 1* (1984), *Breakin 2: Electric Boogaloo* (1984), *Beat Street* (1984), dentre outros. Alguns jovens permaneciam dentro das salas de cinema por horas para assistirem várias vezes os filmes, com o objetivo de aprenderem e decorarem os movimentos, pagando uma única vez (GONÇALVES, 2012).

> Como a informação era escassa naquela época (se comparada aos recursos de comunicação atuais), qualquer pedaço de informação era tido como uma relíquia de altíssimo valor. De acordo com Rooney, MC, era comum realizar "batalhas de informação", ou seja, os jovens interessados traziam fotos, recortes de revistas e vídeos, se juntavam e competiam para ver quem detinha mais informação (GONÇALVES, 2012, p. 41).

Como os dançarinos naquela época tinham poucas informações, os movimentos acabavam se distorcendo, e mudavam na hora de serem passados adiante através da imitação. Eles achavam que tudo era *Breaking* e que todos eram *B.boys* ou *B.girls*, não havia distinção entre as *Street Dances*, como *Popping* e *Locking*. Somente a partir de 1996, é que as diferentes danças começaram a ser distinguidas, a qual muitos atribuem isso a Frank Ejara, que lançou uma apostila com os nomes das danças e suas características, sendo um dos responsáveis por trazer a fundamentação teórica das danças *Breaking, Locking* e *Popping* para o Brasil (GONÇALVES, 2012).

Atualmente no Brasil, existem as "Posses", sobretudo, na grande São Paulo, que funcionam como local de agregação dos grupos de *Hip Hop* locais. É a partir dela que as redes de relações entre esses grupos estabelecem-se, e a política de intervenção no espaço da rua concretiza-se. "A 'posse' organiza as festas e as atividades, que buscam conscientizar os participantes para os problemas da periferia" (STOPPA, 2005, p. 45). Possuem como objetivos:

> [...] desenvolver atividades artísticas com os membros do grupo, realizando ensaios, agendando apresentações musicais ou palestras em escolas ou em ONGS e realizando oficinas de discotecagem, de dança, de mestre de cerimônia e de grafite, dentro dos quatro elementos do hip hop, como forma de também capacitar os participantes para o desenvolvimento de habilidades que possam reverter em oportunidades dentro do mercado de trabalho (STOPPA, 2005, p. 45).

Portanto, a cultura *Hip Hop* ainda é um fenômeno muito novo, sobretudo no Brasil, em que suas manifestações são vistas principalmente nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. No entanto, vem tomando cada vez mais força, crescendo também em outros lugares do país, ganhando novos sentidos e significados na sociedade.

3. *HIP HOP, STREET DANCE*, DANÇA DE RUA, *BREAK DANCING* OU DANÇAS URBANAS?

Esse tópico pode ser considerado complexo, diante da enorme confusão que existe sobre as diferentes nomenclaturas relacionadas às danças da cultura *Hip Hop*. Os termos parecem tendenciosos, incompletos e indefinidos, mas ainda assim existem algumas discussões que podem nos servir de referência, enquanto lidamos com a organização dessas terminologias.

O termo *Street Dance* surgiu pela primeira vez na década de 1930, na época do aparecimento do Sapateado Americano. Os negros influenciados por esse Sapateado, criaram uma dança nova misturando-o com algumas de suas danças africanas. Por ser uma dança que não tinha relação com a dança clássica e nem era acadêmica, recebeu o nome de *Street Dance*.

Nesse período, o termo *Street Dance* significava "Dança urbana do povo", "dança popular", ou "dança feita pelo povo", e não que a dança havia sido inventada ou dançada exatamente no local: a rua. Depois de passar algumas décadas, esse termo caiu em desuso, até que no ano de 1969, ressurgiu com força total através do *Locking*, criado por Don Campbellock. Durante a década de 1970 e anos seguintes, várias outras danças foram surgindo nos Estados Unidos com origens parecidas, agregando-se também às *Street Dances*.

Na década de 1980, quando as *Street Dances* ganharam destaque, a mídia, muitas vezes, erroneamente usava o termo *Break Dancing* como um termo guarda-chuva para a maioria dos estilos de *Street Dance* que eram apresentados. No entanto, as *Street Dances* abarcam outras subculturas, cada uma com a sua própria identidade (RIBEIRO; CARDOSO, 2011).

De acordo com o pesquisador Henrique Bianchini [s.d.], os elementos que podem ser entendidos como "essenciais" para as *Street Dance*, são cinco, e na falta de alguns desses elementos, aparecem questionamentos se aquela linguagem faz realmente parte das *Street Dances*, são eles:

- Todas têm origem nos Estados Unidos da América;
- Todas têm origem espontânea (mesmo que a formatação posterior tenha sido consciente e programada);

- Todas têm origem dentro de ambientes festivos;
- Todas têm o vocabulário básico constituído essencialmente por Danças Sociais (*Party Dances*);
- Todas têm referência direta ou indireta na cultura, música e dança *Funk*.

Quando o termo *Street Dance* foi trazido para o Brasil, sendo traduzido ao pé da letra como "Dança de Rua", ganhou uma interpretação totalmente diferente da usada nos Estados Unidos, implicando na conclusão de que tais linguagens são "da rua". Isso acabou se tornando um grande problema, visto que as pessoas começaram a olhar para o termo de forma pejorativa, associando os dançarinos a mendigos e sem teto, fomentando uma visão preconceituosa em relação às *Street Dances*. Além disso, quando dirigimos o olhar para essas danças, observa-se que a maioria delas não foi criada nas ruas, mas também em festas, boates, clubes de dança, dentre outros. Dessa forma, o termo "Dança de rua" não é um termo mais adequado a ser utilizado.

> Eu sempre achei, e por experiência própria, que o termo "dança de rua" era pejorativo. A tradução literal de "Street Dance" nunca foi bem-vinda pra quem não faz parte dela. Eu, como diretor de uma Cia. profissional de dança, sei bem o que já ouvi de produtores e programadores sobre o termo "dança de rua" para definir as danças que fazemos. Muitos acham de imediato que somos mendigos, crianças abandonadas, sem teto e todo tipo de preconceito embutido que vem de brinde com a palavra "rua", pois é cultural e é assim que o povo encara a palavra. Por outro lado, "Street Dance" em inglês não quer dizer exatamente "Dança de rua", quer dizer, sim, que é popular, que veio do povo, é uma expressão. É como o termo "Street Wear" para moda, a roupa não é feita na rua, mas inspirada por quem vive nela. Além da própria história das danças onde Don Campbell não criou o Locking na rua, nem Boogaloo Sam; o House Dance veio dos clubs e mesmo o Bboying [...] Claro que temos a imagem dos anos 80 de garotos com boom Box e sua pista de dança nas costas, popularizada pela mídia. Que acontecia, sim, nos bairros dos Estados Unidos, mas não define por esse motivo as origens das danças como sendo o ambiente rua. Enfim, a tradução literal é falha e gera preconceito (FRANK EJARA, 2011, [site] apud GONÇALVES, 2012, p. 35).

Por volta de 2005, vivenciando tudo isso de perto, o brasileiro Frank Ejara e o alemão Storm chegaram à conclusão de que seria mais interessante chamar as danças a partir de um novo nome, com o intuito de abrandar as leituras equivocadas, e foi aí então que surgiu o termo Danças Urbanas. Com o desenvolvimento das tecnologias, da *internet* e o maior acesso das pessoas a esses meios, o termo começou a se difundir bastante e é um dos mais usados até hoje. A mudança de nome, gerou uma maior facilidade de a dança adentrar outros locais, como academias, escolas de dança, festivais e competições.

Nos dias de hoje, as Danças Urbanas são constituídas por variados estilos, como: *Rocking, Locking, Breaking, Popping, Hip Hop Dance, Waacking, Voguing, House Dance, Dance Hall, Krump,* entre outros. Com a separação por nomes, as diferentes modalidades ficaram mais fáceis de serem julgadas em diferentes competições, tanto no Brasil quanto no mundo. É importante que os dançarinos tenham uma base na maioria das vertentes, e mesmo que ele escolha uma técnica das Danças Urbanas para se aperfeiçoar, é interessante saber sobre os demais estilos para poder entender e se integrar à cultura.

No entanto, o termo Danças Urbanas também poderá cair em desuso de acordo com algumas discussões recentes. Verifica-se que ele está inadequado, porque abarca outras danças que também foram criadas no contexto urbano e, por isso, também podem ser consideradas Danças Urbanas; como, por exemplo, o frevo, o maracatu, o passinho do funk carioca, dentre outras. Ou seja, o termo abarca outras vertentes que não fazem parte da cultura *Hip Hop.*

Outro fator a ser ressaltado é que muitos professores e coreógrafos dos espaços do ensino de dança dizem ensinar Danças Urbanas fazendo uma apropriação errada quando, na verdade, ensinam apenas coreografias de forma vazia para que os alunos reproduzam, sem considerar todos os aspectos inerentes a elas, como o contexto histórico, os criadores, os principais fundamentos, disseminando uma visão que suprime a cultura dessas danças.

Ribeiro e Cardoso (2011, p. 20 e 21) traçam um pequeno resumo das principais características de cada um dos termos, para facilitar a nossa compreensão.

> **Hip Hop:** diz respeito a toda cultura Hip Hop, englobando todos os seus elementos. Entretanto, as terminologias "Freestyle Hip Hop", "New Style Hip Hop" e a mais atual "Hip Hop Dance" dizem respeito a um estilo de dança e não a uma cultura como um todo [...]
>
> **Street Dance ou Dança de Rua:** é a dança realizada na rua, este termo teve origem com o Funk e se firmou com as festas ao ar livre (Block Parties) em Nova York, por volta de 1969, portanto, podemos dizer que engloba o "Rocking" e o "Breaking".
>
> Os outros estilos [...] surgiram em casa noturnas, boates, clubs, festas e em programas de televisão são, comumente, incluídos nas aulas de "Street Dance".
>
> Contudo, constantemente, o termo "Street Dance" [...] é utilizado em festivais, projetos sociais, academias e escolas de dança do Brasil

> englobando diferentes vertentes das Danças Urbanas (Locking, Popping, House, Krump, etc.) em uma única terminologia, não é o ideal, mas é o mais comum.
>
> **Break Dancing:** refere-se ao "Breaking" (B.boy, B.Girl).
>
> **Danças Urbanas:** seria a terminologia mais apropriada para exemplificar todas as vertentes, abrangendo também estilos de dança que não são influenciados pela cultura Hip Hop.

Diante de todas essas terminologias, faz-se então a seguinte pergunta: "Qual termo devo utilizar? e a resposta é: depende. A escolha da terminologia depende da modalidade à qual os dançarinos estão inseridos, depende da linha de trabalho escolhida pelo professor/coreógrafo, dos objetivos, da metodologia e procedimentos da aula, entre outros. Entretanto, dada as possibilidades, o melhor seria chamar cada dança pelos seus nomes específicos: *Locking*, *Breaking*, *Popping*, etc. Em casos que sejam inviáveis financeiramente para escolas, projetos sociais e academias de dança, que mantém em seu dia a dia tantas aulas diferentes, necessitando unir todos os estilos em um único nome, usa-se o termo: Danças Urbanas, cabendo ao profissional responsável esclarecer as diferenças e possibilitar a vivência das diferentes linguagens aos alunos (RIBEIRO; CARDOSO, 2011).

4. AS DANÇAS URBANAS

A seguir, apresentamos um resumo dos principais estilos de Danças Urbanas relacionados à cultura *Hip Hop*. Importante ressaltar que existem outras denominações, subestilos, vertentes diferenciadas de uma mesma raiz. Embora os estilos tenham surgido em ambientes independentes uns dos outros, atualmente todos estão ligados e continuam aderindo adeptos (RIBEIRO; CARDOSO, 2011).

4.1 LOCKING

O *Campbellock*, *Campbellocking*, ou simplesmente *Locking* nasceu em Los Angeles, nos Estados Unidos, por volta do ano de 1969. Um de seus principais precursores é Don Campbellock, daí a origem do nome da dança. Don Campbell foi influenciado por passos de dança de músicas *Funk* que faziam muito sucesso naquela época, em especial um passo chamado *Funky Chicken*, em que alguns dizem que Don Campbell não sabia fazê-lo da forma correta e a partir daí acabou criando o seu próprio jeito de dançar.

No início dos anos 1970, surgiram os primeiros grupos de *Locking*, e o mais notável deles foi o "*The Lockers*", criado pelo próprio Don Campbellock, considerado o **primeiro grupo profissional de *Street Dance*** existente. O grupo fazia muitas aparições nos programas de TV, como por exemplo o "*Saturday Night Live*" e "*Soul Train*", o que ajudou bastante a disseminar a dança pelos Estados Unidos e mundo afora.

IMAGEM 8: Grupo *The Lockers.* Sentado na escada o precursor da dança *Locking* e criador do grupo, Don Campbellock.

FONTE: Acervo da internet.

Segundo Alves (2001) apud Stoppa (2005), o *Locking* é uma dança realizada com movimentos coreografados em solos, duplas ou grupos maiores e caracteriza-se pela intensa ação de braços, punhos, mãos e dedos que trabalham em rotação, com vários planos, combinado com movimentos mais relaxados de quadris e pernas. Os movimentos são geralmente amplos e exagerados, frequentemente rítmicos e muito bem sincronizados com a música. Outras características estéticas importantes na movimentação são: o *"point"* (gesto de apontar em alguma direção), bater palmas e agarrar ou girar o chapéu ou boné.

O termo "*lock"* traduzido significa "bloqueio", "tranca" ou "trava"; ou seja, significa que é feito um movimento rápido e em seguida um "bloqueio" em uma determinada posição, mantendo essa posição por alguns instantes e depois continuando na mesma velocidade de antes. Os dançarinos de *Locking* são chamados de *Lockers*, e geralmente usam roupas bem características, como peças coloridas e/ou listradas, suspensórios, boinas ou chapéus. Eles também podem interagir com a plateia através de sorrisos ou movimentos cômicos.

IMAGEM 9: Exemplo de vestimentas da dança *Locking.*

FONTE: www.hiphopinternational.com

Atualmente, as músicas *Funk* são as mais utilizadas para se dançar *Locking*, mas dependendo da proposta do dançarino, pode-se usar outros estilos musicais, como música clássica e pop. Até mesmo Michael Jackson, o Rei do Pop, incorporava em suas coreografias diversas movimentações do *Locking*, como por exemplo a utilização dos *"points"*.

O *Locking* serviu de inspiração para a criação de outras danças muito importantes, como o *Breaking*, o *Popping* e o *Waking*, que serão vistos a seguir, além de se manter vivo até hoje através de grupos, workshops, competições batalhas realizadas em encontros e festivais de Danças Urbanas.

4.2 *BREAKING*

O *Breaking ou Break Dancing* nasceu em Nova York, por volta de 1973, e diferente de outras vertentes de danças da cultura *Hip Hop*, ele não possui um único criador, pois foi desenvolvido coletivamente com a contribuição de diferentes dançarinos. A partir das Danças Sociais, que eram cultivadas em clubes e danceterias, alguns dançarinos tiveram a ideia de inovar, criando novos movimentos e agregando movimentos pertencentes a outras expressões corporais como, por exemplo, o kung fu, a capoeira, a ginástica artística, o sapateado americano, dentre outras danças dos anos 30, 40 e 50.

Acredita-se que foi criado durante "*Block Partys"* (festas de rua), com a ajuda do DJ Kool Herc, que começou a utilizar o *Break* das músicas (trecho de maior impacto das

músicas, que na maioria das vezes é instrumental) nas festas, momento em que os jovens faziam rodas para dançar e improvisar, e a partir daí decidiram intitular o nome da dança de *Breaking*. Daí também surgem os termos: *Break Boys/Girls*, *Beat Boys/Girls*, ou até mesmo *Bronx Boys/Girls* (que abreviados ficam *B.Boys* e *B.Girls*), que é como são chamados os dançarinos de *Breaking*. Vários grupos de *Breaking* foram e são criados até hoje, esses grupos recebem o nome de "*Crew*".

No início, existiam apenas movimentos realizados em pé, chamados de *Top Rocking*, que era o nome da dança antes de se chamar *Breaking*. O *Top Rocking* foi criado pelos jovens do Bronx, que tiveram que lidar com a concorrência dos jovens do Brooklin que haviam criado o *Up Rocking*. Em um dado momento, o *Up Rocking* estava com mais popularidade que o *Top Rocking*. Foi aí então que os dançarinos do Bronx tiveram a ideia de levar os passos feitos em pé, também para o chão, chamando-os de *Footwork*, a qual houve grande aderência de todos os jovens de ambos os bairros, que resolveram unificar as danças, tornando-a uma só. É importante salientar que no começo, quando os dançarinos passaram a dançar no chão, não havia nenhum tipo de piso que protegesse seus corpos.

> Nessa época, ainda não era utilizado o "decorflex", como é chamado pelos b.boys, (piso de Eucatex utilizado para dançar), então quem dançava no chão da rua ou da balada tinha de se submeter a fazer evoluções com o corpo no concreto, ou entre cacos de vidro de garrafas quebradas (GONÇALVES, 2012, p. 30).

IMAGEM 10: Dançarinos de *Breaking* realizando *Footworks* no chão, apenas com a proteção das vestimentas.

FONTE: Acervo da internet.

O *Breaking* é praticado na maioria das vezes em roda, e pode ser dividido em cinco estruturas para auxiliar o aprendizado, são elas: *Stance, Top Rocking, Footwork, Power Moves e Freeze.*

- ***Stance:*** são poses com estilo *B.boy/B.girl*, possuem inúmeras variações, uma das posturas mais populares é com os braços cruzados.
- ***Top Rocking:*** é considerado a dança de entrada, que é feita em pé para iniciar o set (alguns passos: *front step, back step, salsa rock, side by side*, etc)*;*
- ***Footwork:*** quando a base que era realizada em pé é feita no chão (*3 step, CC, 4 step, 6 step, spider man*, etc)*;*
- ***Powermoves:*** são movimentos de dinâmica circular (suicídio, giro de mão, saltos, entre outros);
- ***Freezes:*** são o congelamento de um movimento por pelo menos dois segundos (*baby freeze, planche, airchair, elbow airchair, hollowback, invert, pike,* entre outros).

IMAGEM 11: *B.boy* Bart realizando um *Powermove* na disputa do *Red Bull Bc One E-Battle*.

FONTE: GLOBO ESPORTE (2021)

IMAGEM 12: *B.girl* realizando um *Freeze*.

FONTE: Acervo da internet.

Uma cultura fortemente presente nas rodas de *Breaking* é a nossa Capoeira. “A Capoeira fez sua estreia em Nova York no início dos anos 70 com os brasileiros Jelon Vieira e Machado Loremil” (RIBEIRO; CARDOSO, 2011, p. 38). Mestre Vieira afirma que por volta de 1975, quando dava aulas nas escolas públicas do Bronx, via muitos alunos dançando *Breaking* na hora do recreio, nas ruas, nas esquinas; e conforme começaram a ser inseridos na Capoeira através de aulas que ele e o mestre Loremil davam nas escolas, começaram a tirar movimentos da Capoeira e colocaram no *Breaking*, como o “peão de cabeça” e a “queda de rins”.

As vestimentas dos *B.boys* e *B.girls* são elementos muito importantes, pois são consideradas suas identidades. Geralmente eles usam calças largas de moletom, tactel, *nylon*, e raramente usam jeans, pois limita os movimentos. Na parte de cima do corpo utilizam camisetas, em muitos casos extra grandes com a logo de sua *crew*, jaquetas, moletons, principalmente para fazerem os movimentos que requerem intenso contato com o chão. O tênis com o *fat lace*, ou cadarço grosso, é um dos maiores símbolos do *B.boy e B.girls*, usando marcas como Puma, Adidas, Nike e Converse. É comum ver alguns

dançarinos com bonés, gorros e bandanas, especialmente utilizados para fazer giros de cabeça. (GONÇALVES, 2012).

As músicas consideradas próprias do estilo de dança *Breaking* são os *Funks* dos anos 60 e 70, os *breakbeats* e, em alguns casos, os raps. É também possível utilizar o *beatbox* para dançar. A atitude performática também é uma grande característica da linguagem do *Breaking*. A "marra" do *B.boy* e da *B.girl*, entendido como arrogância, força ou agressividade, é considerado como sendo algo "natural". Talvez possa ser explicado pelo contexto no qual a dança surgiu. É comum vê-los ao gesticular, enviar sinais de superioridade, de virilidade, de força, de destemia; essas características fazem parte da "atitude" de ser de um *B.boy ou B.girl*, ou seja, do estilo, da conduta esperada pelos demais integrantes do mundo *Hip Hop* (GONÇALVES, 2012).

É fortemente caracterizada por ser uma dança realizada com o formato de duelo/batalha entre oponentes, onde a intenção não é somente definir o melhor dançarino, como também apresentar as habilidades de cada um, promover comunidade, entreter seu público e seus jurados, cuja ocorrência se dá em determinado espaço e tempo separado do cotidiano, pode ser entendido não só como performance, mas também como sendo performance estética (GONÇALVES, 2012). O *Hip Hop* não estaria onde está hoje se não fosse pelas batalhas, pois foi justamente esse espírito competitivo da "cultura" que a fez ter sucesso.

Existem grandes eventos competitivos de *Breaking* no mundo e eles vêm ganhando espaço entre os dançarinos, onde eles tendem não só a frequentar como também a organizar esses encontros. Uma pauta ainda muito recente a ser tratada é a inserção do *Breaking* nas Olimpíadas de 2024, na França. Isso vinha sendo cogitado desde o sucesso dessa modalidade nos Jogos Olímpicos da Juventude de 2018; entretanto, somente no final de 2020 é que foi confirmada a sua entrada. O Comitê Olímpico Internacional (COI) afirma que um dos principais motivos para essa inserção foi busca de um público mais jovem, urbano e ligado às tecnologias para assistir os jogos olímpicos.

A novidade é que essa modalidade será inserida num evento prioritariamente esportivo ao lado de outros esportes, deixando de estar apenas em eventos de dança; por isso existe uma atenção diferente frente a essa cena. No Brasil, a entidade responsável por cuidar do *Breaking* olímpico, é o Conselho Nacional de Dança Desportiva (CNDD), que criou um departamento específico para tratar as questões referentes a modalidade que até

então não existia. Foram nomeados como diretor e vice-diretora do departamento, *B.boy* Bispo SB. e *B.girl* Lu BSB.Girls, que são pessoas de referência na modalidade no Brasil.

A competição será individual, com 16 atletas na categoria masculina e 16 atletas na categoria feminina, totalizando 32 participantes. Os atletas devem ter idade mínima de 16 anos, sem idade máxima. No Brasil, ao final de 2021, houve a formação da primeira seleção brasileira de *Breaking*, onde os atletas ainda passarão por competições classificatórias durante o ciclo olímpico para definir quem serão os representantes titulares. Os participantes obterão apoio financeiro para se dedicarem à modalidade olímpica e auxílio de uma equipe multidisciplinar, contando com profissionais de Educação Física, nutricionistas, fisioterapeutas, psicólogos, dentre outros (MORAIS, 2022).

4.3 *POPPING*

O *Popping* foi criado em Los Angeles, assim como o *Locking*, por volta de 1975, e seu principal precursor foi Sam Solomon, que mais tarde ficou conhecido como Boogaloo Sam. Ele teve como algumas de suas inspirações o grupo *The Lockers*, e uma dança popular passageira dos anos 1960, chamada *Jerk*.

Sam, com o intuito de criar o seu próprio estilo de dança, inventou alguns movimentos que ficaram conhecidos como *Boogaloo*, que é o nome dado a criação do seu primeiro estilo de dança, e em seguida, acabou virando também o seu apelido. O termo *Boogaloo,* veio de uma canção de James Brown, chamada "Faça o *Boogaloo*" que Sam adorava dançar. Somente após a criação do *Boogaloo*, é que nasceu a dança *Popping*.

Sempre que Sam dançava fazendo alguns movimentos de contração muscular ele dizia baixinho a palavra "pop", que traduzido para o português significa "batida". Algumas pessoas, ao verem-no dançando, pediam para que ele fizesse os "pops", o que acabou disseminando o termo e virou o nome da dança que conhecemos como *Popping*. A partir daí também surge o termo *Poppers*, que é como são chamados os dançarinos dessa vertente. Antigamente, as vestimentas eram mais peculiares e usava-se muito roupas e sapatos sociais. Hoje em dia, cada dançarino se veste a seu gosto.

Sam criou um grupo de *Popping* chamado *The Electric Boogaloos*, que foi muito importante na propagação desse estilo de dança, pois assim como o *The Lockers*, faziam

muitas aparições nos meios midiáticos. Naquela época, o *Popping* era dançado em cima de músicas *Funk*; entretanto, atualmente, ele é mais dançando ao som de músicas de *Hip Hop* ou músicas eletrônicas.

IMAGEM 13: Grupo *The Electric Boogaloos*, ao centro da imagem, o precursor da dança *Popping* e do do grupo, Boogaloo Sam.

FONTE: Acervo da internet.

O *Popping* pode ser considerado a evolução de uma dança antiga, o *Robot* (que era apenas a imitação dos movimentos mecânicos de um robô), mas que acabou ficando muito mais elaborada e complexa, não se limitando apenas a esses movimentos. Segundo Alves (2001) apud Stoppa (2005), o *Popping* é a ação na qual o dançarino desenvolve seus movimentos com contrações e relaxamentos nas articulações e músculos, de forma sincronizada com o ritmo e as batidas da música. Essas contrações podem ser chamadas de "pop", *"ticking"* ou *"hitting"*.

Entretanto, o *Popping* pode ser considerado um estilo "guarda-chuva", pois não se limita apenas a esses movimentos, utilizando estilos complementares para enriquecer a performance. Esses estilos não são passos prontos e apresentam diferentes possibilidades de acordo com as características das suas movimentações. Portanto, pode-se realizar diversas possibilidades de movimentos dentro do "*Boogaloo*", do "*Animation*", do "*Tutting*", e assim por diante. Abaixo segue uma tabela com estilos ligados a dança *Popping*:

TABELA 1 – Estilos ligados à dança *Popping*.

ESTILOS LIGADOS À DANÇA POPPING	
Boogaloo	Criador: Boogaloo Sam. Sua principal característica são as rotações do quadril e corpo.
Cobra (Estilo do Waving)	Criador: King Cobra. Principais características são as ondulações e a utilização do Waving.
Floating/Gliding	Esta dança utiliza passos ilusórios dando a sensação que o dançarino desliza, plana, flutua sobre a pista de dança, sem o efeito da gravidade. Cria o efeito dos patins, como se tivesse rodinhas nos pés. Utiliza diferentes formas de Slide.
Robot	Criador: Iron Man. A movimentação não tem contrações fortes como no Popping, utiliza-se muito "Isolation", ou seja, isola cada movimento com forte controle sobre as articulações e sobre os movimentos, como se fosse um robô.
Strobing	Contrações musculares contínuas imitando o efeito da luz "Strobe" utilizada em festas e casas noturnas.
Animation	Cria a ilusão de que o dançarino é uma figura animada. Com diferentes movimentos realizados em "Slowmotion", como se fosse câmera lenta, recebe influência da Disney Animatronic (bonecos robôs criados para representar pessoas e seus sentimentos e movimentos).
Tutting	Ilusões e coreografias criadas com os dedos, mãos, cotovelos e braços; utilizam-se muito os ângulos de 90º; pode assemelhar-se a figuras hieroglíficas; exige flexibilidade de pequenas articulações e muita coordenação motora fina.
Scarecrow	Inúmeros movimentos que imitam um espantalho. Geralmente, braços e pernas extendidos, com mãos e dedos abertos.
Air posing	Com diferentes possibilidades de ângulos, alturas etc.; são realizadas diferentes movimentações como se as mãos "pegassem" o ar e o levasse a uma posição desejada; geralmente inicia-se com um movimento amplo e dois movimentos pequenos ao chegar à posição desejada.
Dimestops	É a capacidade de parar um movimento tão abruptamente quanto possível. O termo origina-se da expressão "to stop on a dime".

FONTE: RIBEIRO; CARDOSO (2011, p. 88).

Ainda hoje Boogaloo Sam segue participando de apresentações, sendo jurado em algumas competições e ensinando sua dança para muitas pessoas pelo mundo afora.

4.4 *HIP HOP DANCE/ FREESTYLE*

Por volta de 1980, a cultura *Hip Hop* entra numa era conhecida como *Golden Age* (Era de Ouro), onde as batidas das músicas começaram a mudar e a ficarem mais fortes. Vários grupos de RAP e cantores de R&B surgiram nessa época e junto deles a dança também se fazia presente nas apresentações e videoclipes dos artistas.

A música precede a dança; é a partir da música que o corpo se expressa. Neste período, a música estava mudando conceitos e técnicas do *Locking, Breaking* e *Popping*, sendo utilizados com uma nova roupagem; e assim, nasciam diferentes Danças Sociais e o que conhecemos hoje, como *Hip Hop Dance* ou *Freestyle* (RIBEIRO; CARDOSO, 2011). A nomenclatura mais utilizada atualmente, é *Hip Hop Dance*, pois o termo *Freestyle* pode ser considerado muito amplo e abranger até outras áreas do *Hip Hop*, como o RAP e o grafite.

A partir disso, notamos que o *Hip Hop Dance*, "geralmente dançado na música de *Hip Hop*, pode ter inúmeras possibilidades, cada dançarino apresenta suas movimentações a partir de conceitos e habilidades individuais" (RIBEIRO; CARDOSO, 2011, p. 51). Dessa forma, as possibilidades de movimentações são diversas e sempre irá surgir algo novo ou mudanças.

Ao tentarmos definir o que seria o *Hip Hop Dance*, trouxemos trechos de um artigo da Wikipédia Americana: *Hip Hop Dance* se refere a estilos de Dança Social ou coreografia dançada principalmente a música *Hip Hop*. O que separa o *Hip Hop Dance* de outras formas de danças é o *Freestyle* (improvisação) natural dos dançarinos.

Existem diversas influências de estilos de dança que antecederam e sucederam o *Hip Hop Dance*, como a influência do *Locking, Breaking, Popping, Krump*; no entanto, o foco neste tópico será a influência recebida das Danças Sociais.

"As Danças Sociais são movimentos e passos que surgem constantemente em clubes, danceterias, festas ou são lançados por cantores de *Black Music,"* (RIBEIRO; CARDOSO, 2011) em ambientes de diversão, sem um ensino formalizado. Como foi uma dança criada com a contribuição de diferentes pessoas, é difícil apontar quem foram os criadores.

Alguns exemplos de passos encontrados dentro das Danças Sociais que são utilizados pelos dançarinos de *Hip Hop Danc*e são: *Atlanta Stomp, Bus Stop, Harlem Shake, Bounce, Bart Simpson, Monastery, Smurf, Broklin, Butterfly, Robocop, The Wop, The James, The Fila*, dentre outros. Ao final desta apostila, indicamos alguns vídeos práticos que mostram esses e outros passos para uma melhor visualização e entendimento de como são realizados.

Destacamos algumas estruturas que podem facilitar o ensino-aprendizado do *Hip Hop Dance*, são elas*: Bounce, Wave, Ticking e Slide.*

- ***Bounce:*** Conhecido também como *Balance*, refere-se justamente ao balanço e gingado do corpo nas movimentações, sem ele, não há *Hip Hop*. A postura é para baixo, com os joelhos levemente flexionados na maior parte do tempo, assim como o tronco pode balançar para todos os lados. Uma observação interessante a se ressaltar, é que em danças clássicas, há uma grande preocupação ao alongamento e extensão do corpo, enquanto no *Hip Hop* o objetivo é outro, o foco é se soltar;
- ***Wave:*** Traduzido para o português, a palavra significa "onda", referindo-se justamente a uma movimentação com ondulações pelo corpo. Quanto maior a utilização das articulações e a sua precisão, maior será o nível de dificuldade. Essas ondas podem ser realizadas principalmente com o corpo, braços, mãos e dedos;
- ***Ticking:*** Refere-se a uma contração muscular forte, passando a sensação de um "choque", uma das principais movimentações características da dança *Popping*. Além de ser utilizado para auxiliar a finalização de movimentos coreográficos.
- ***Slide:*** Trata-se de deslizar enquanto realiza algum movimento, como se estivesse com rodinhas nos pés ou deslizando numa pista de gelo. Para facilitar a realização do *Slide*, deve-se concentrar na troca de apoio/peso de uma perna para outra.

IMAGEM 14: Diferença das posturas corporais em relação ao *Hip Hop Dance* e as Danças Clássicas.

FONTE: Acervo da internet.

Essas quatro estruturas não têm a função de restringir ou formatar a dança, mas auxiliar os dançarinos em seu processo de aprendizado. Acredita-se que dominando esses quatro elementos, pode-se aperfeiçoar e fazer avanços com maior facilidade. Essas movimentações se encontram presentes em diversos passos de Danças Sociais, havendo diferentes formas de execução. Quanto mais explorá-los, melhor.

4.5 *WAACKING*

O *Waacking* faz parte das danças urbanas, devido ao fato de ter seu enraizamento nas festas de casas noturnas de Nova York nos anos 60, chamadas de *Ballroom* ou *Ball* e em clubes LGBT. (COLOMBERO, 2011 apud ARCE, 2017). O *Waacking* conseguiu se expressar por meio das músicas *Funk* e Disco, pois eram dois ritmos musicais que possuíam batidas fortes. No começo de 1970, em Los Angeles, Lamont Perterson foi um dos primeiros a utilizar os braços e o resto do corpo de maneira expressiva e no ritmo da música; mas foi a partir de Tyrone Proctor que a dança se oficializou, sendo considerado o pai do *Waacking.* (GOMES, 2015, NINJA, 2010 apud FERREIRA, 2016. Tradução nossa).

A dança *Waacking* é reconhecida pela sua feminilidade, poses e movimentos rápidos que acompanham e marcam a batida das músicas, aumentando a musicalidade presente na dança, além de ser um estilo que utiliza majoritariamente a parte superior do corpo. (FERREIRA, 2016). Devido a presença da comunidade LGBT, principalmente de homens cis *gays*, o estilo ganhou um estereótipo preconceituoso devido à presença da feminilidade na dança, o que resultou na realização do estilo inicialmente sem alta exposição social. Yaundé (2010 apud GOMES, 2015) relata que o *Waacking* surgiu ao lado de outro estilo chamado *Locking*, que inclusive apresentam algumas semelhanças, como por exemplo os movimentos de apontar com os braços, girar e empurrar o ar, assim também como o acompanhamento musical que usavam na dança. Porém, mesmo possuindo semelhanças nos movimentos, cada estilo possui seus complementos e suas particularidades. (GOMES, 2015).

IMAGEM 15: Dançarinos fazendo movimentos com as mãos característicos da dança *Waacking*.

FONTE: Acervo da internet.

Para Proctor (2010 apud GOMES, 2015), *Waacking* e *Locking* são completamente distintos se olharmos para o contexto de criação de cada estilo, pois o *Waacking* foi criado por *gays* e era dançado "às escuras", devido ao medo que as pessoas possuíam em serem rotuladas pejorativamente de homossexuais, fazendo com que as pessoas não aderissem ao estilo. Enquanto o *Waacking* caía, o *Locking* que utilizava de movimentos semelhantes teve oportunidade de se destacar, pois era um estilo que pertencia e era aceito pela comunidade heterossexual. Porém, Proctor não desmerece o trabalho de Don Campbell pela criação e difusão de seu estilo, que com a sua influência e a do *The Lockers* sempre apoiaram e respeitaram os homossexuais na época. (GOMES, 2015).

Com isso, além da relação do *Waacking* com o *Locking*, existe também a comparação de *Waacking* com o estilo de dança *Vogue* (ou *Voguing*), por ambos utilizarem poses em suas coreografias. A primeira diferença entre esses dois estilos é a de que o *Waacking* é um estilo a ser dançado pelo ritmo musical Disco e o *Voguing* pelo *House Dance.* (GOMES, 2015). Aus Ninja (2010 apud GOMES, 2015) fala que o estilo *Waacking*:

> [...] nasceu do Disco Music e do Funk, portanto seus movimentos são mais emocionais, mais rápidos e dinâmicos, para que cada gesto marque a atenue a batida, já referente as poses, Ninja comenta que entre as poses presentes no Wacking pode-se ver os braços e/ou o corpo ainda em movimento marcando a música, o que não acontece no Voguing que é menos dinâmico, ele realiza seus movimentos coreográficos nas poses, seguido de mais poses. (GOMES, 2015, p. 25 e 26).

O nome *Waacking* surgiu:

> [...] quando na tentativa de Proctor comentar e ensinar como se dá a execução dos passos do estilo, ele dizia que cada gesto deveria ser marcante como a música Disco e que os movimentos de braços tinham que fazer "Wack" no espaço. Jeffrey Daniels (dançarino, coreógrafo, compositor e cantor) orientou que o nome para dança deveria permanecer a partir dessa expressão, porém com o acréscimo da mais uma letra "A", para não fazer uma alusão à palavra "*wack"* do inglês que significa "bosta" – se remetendo a algo ruim – assim nasce o nome desse estilo de dança, o Waacking. (GOMES, 2015, p. 21).

Tyrone Proctor, em 2010 (apud GOMES, 2015), conta que o *Waacking* pertence à comunidade *gay* e que na década de 70 as experiências da comunidade LGBT vieram para contribuir com o que temos por movimentação e gesticulação da dança *Waacking*, inclusive na época não se acreditava que sua popularidade iria crescer ao ponto de fazê-la permear pelos anos que ainda viriam. Proctor comenta também sobre como a presença do público fez o estilo evoluir, citando performances de *Drag Queens*, além do apoio da comunidade negra e latinoamericana. (GOMES, 2015).

O programa musical de televisão chamado *Soul Train*, que era apresentado nos Estados Unidos na década de 70, trouxe o *Waacking* para a atenção pública (NINJA, 2010 apud FERREIRA, 2016. Tradução nossa), tendo em vista que era um programa que basicamente abordava grupos de cantores e dançarinos de *Hip Hop*, R&B, *Soul*, *Jazz* e até Gospel, trouxe para o público uma nova modalidade de dança, o *Waacking*, por meio do Tyrone e outros que aderiram ao estilo. Nos anos 70 forma-se o primeiro grupo oficial de *Waacking* chamado *"The Outrageous Waack Dancers".* (GOMES, 2015).

Segundo Too Much Flavour (2009 apud GOMES, 2015), em 2005, Tyrone começou a trabalhar oficialmente ensinando o estilo *Waacking* em academias de Nova York por meio de um convite de Ryan Green. Inicialmente possuía uma pequena turma e dentre seus alunos estavam King Aus (Ninja), Samara (Lockeroo) e Nedge (Black Kat) – apelidos esses que se mostram bastante presentes na cultura *Hip Hop*, tendo o próprio Tyrone o apelido de "*The Bone*". Juntos começaram a difundir o amor à dança *Waacking* por meio de algumas turnês, levando o estilo para países com grande visibilidade como o Japão e a França. Após um evento ocorrido em agosto de 2008, Proctor teve a sua primeira reunião empresarial oficial sobre a sua futura companhia de dança internacional de *Waacking*. Sendo o dia 17 de novembro de 2008, após passados mais de 30 anos desde a criação do estilo, o dia em que Tyrone abriu a companhia internacional de dança pautada no *Waacking*, chamada IHOW (*Imperial House Of Waacking*), que primeiramente se instalou nos Estados Unidos e no Canadá. (GOMES, 2015).

Atualmente, “a IHOW é a companhia de dança de *Waacking* de maior inspiração – talvez a maior do mundo especializada no estilo” (GOMES, 2015, p. 23), fazendo-se presente em elaborações coreográficas e performances em filmes, programas midiáticos, campeonatos, mostra de prêmios, etc. Além disso, o *Waacking* é um estilo de dança com muito potencial para o desenvolvimento de análises de movimento no campo das Danças Urbanas. (FERREIRA, 2016). Atualmente, a companhia IHOW é impulsionada mundialmente pelo Aus Ninja e Kumari Suraj. (GOMES, 2015).

IMAGEM 16: Logo da *Imperial House of Waacking* (IHOW)

FONTE: Acervo da internet.

4.6 *VOGUING*

Para um melhor aprofundamento sobre o desenvolvimento da cultura do *Voguing* ou *Vogue*, como também é chamada, precisamos contextualizar temporal e historicamente o surgimento de tal dança. É válido ressaltar que existem poucos estudos a respeito de manifestações artísticas que tiveram seu desenvolvimento em meio ao universo cultural da comunidade LGBTQIAP+, principalmente as pessoas que eram estigmatizadas não só por fazer parte deste meio, como também pela cor, classe social, etnia. A sigla da comunidade em si, na época do surgimento do *Voguing*, era menor, influenciando o desenvolvimento da arte para grupos considerados como minorias na sociedade.

Por volta dos anos 1920 em Nova York e suas proximidades, eram realizados bailes chamados de *Ball Culture*. Estes eventos eram compostos, em sua maioria, por

artistas brancos, que comandavam desfiles de moda com pessoas que trabalhavam com a arte *Drag*[1] de forma restritiva, onde pouco se via pessoas negras em papel de destaque. Eram bailes onde a beleza, tida como padrão, era venerada, algo que foi culturalmente construído dentro de uma sociedade racista. Insatisfeitos com esta situação, alguns anos depois, a comunidade periférica desta região desenvolveu uma *Underground Ball Culture* própria, mais inclusiva e que pudesse dar visibilidade às pessoas que viviam nesta margem estigmatizada da população.

Este cenário foi muito bem representado cinematograficamente em um dos filmes de maior referência da cultura Disco e LGBTQIAP+ da década de 80 a 90 "*Paris is Burning*" (1990), dirigido por Jennie Livingston. A *ball culture* pode ser vista numa cena específica, que misturava desfiles, competições e dança em clubes *gays* dos Estados Unidos na década de 80 (BERTE, 2014). Com isso, era perceptível que os bailes se configuravam como um local seguro para a expressão de jovens *Queer*[2], negros e latinos que eram estigmatizados nas ruas, mas frequentavam os bailes.

Dentro de tal evento, que funcionava como um grande baile de estilo, criatividade e sofisticação, foram-se criando várias categorias trazendo um viés competitivo para a *Ball:*

> Entre as categorias de premiação que estruturavam os shows e desfiles da *ball culture* estavam: "moda parisiense", "estilo executivo", "roupa esportiva", "corpo gostoso", "estilo colegial", "campo e cidade", "travesti vestida pela primeira vez", "estilo militar", "traje alta costura para a noite" e "estilo realismo" – categoria na qual os/as candidatos/as deviam vestir-se e parecer com homens e mulheres heterossexuais (BERTE, 2014, p. 70).

Com esta categorização, observa-se que mesmo em um meio que tentava ser inclusivo, acabava segregando de alguma forma grupos de pessoas que possivelmente não conseguiriam se encaixar na competição. Até hoje, dentro da própria comunidade LGBTQIAP+ vê este processo de segregação muito forte, o que acaba diminuindo a força de tal movimento. Dentre estas categorias, surgiu a categoria do *Vogue* que tem como inspiração a revista de mesmo nome. A competição simulava batalhas nas quais os participantes esbanjavam ousadia nas apresentações com poses inspiradas pelos modelos

---

[1] A arte Drag ainda é confundida com termos relacionados a orientação sexual e/ou identidade de gênero até os dias atuais. Drag é a arte de expressar uma personalidade, por meio de looks, maquiagem, performance, e pode ser realizada por qualquer pessoa independente se for um homem cis ou trans, uma mulher cis ou trans, heterossexual, homossexual, bissexual e dentre todas as identidades de gênero e orientações sexuais.

[2] *Queer* é um termo que ainda se encontra em construção, mas é utilizado para se referir a pessoas que não se enquadram no modelo heteronormativo de gênero e que estão fora das definições de fronteiras de gênero e sexualidade (SEPULVEDA, CORREA, FREIRE, 2021).

das revistas, passos e sequências coreográficas, buscando mostrar-se melhor que os adversários frente aos jurados (BERTE, 2014). Por meio destas competições e sua evolução foram surgindo as batalhas de *Voguing*, arte que foi se disseminando pelas regiões com o decorrer dos anos.

IMAGEM 17: Exemplos de poses muito utilizadas na dança *Voguing*.

FONTE: Acervo da internet.

Os participantes dos bailes, em sua grande maioria, pessoas trans, *gays* e *queer*, além de buscarem visibilidade e destaque para sua arte, competiam pelos troféus e consequentemente a reputação de seus grupos, conhecidos como "*House Family"*. A *House* era formada por uma matriarca ou patriarca, a quem era vista como uma figura materna/paterna e eram chamadas de *mothers* ou *mama, e fathers* ou *papa*. Eles cuidavam de todos os assuntos que envolviam sua casa, desde os participantes, a produção artística, as roupas e figurinos, temáticas abordadas em cada baile, entre outros.

Estas expressões tinham um peso relacionado ao contexto familiar de cada pessoa que vivia nesse meio, pois em muitos casos, os habitantes das *Houses* eram pessoas que foram estigmatizadas e discriminadas em seu próprio "ambiente familiar", desprezadas pelos pais, expulsas de casa, e que encontravam na *House Family* um suporte para se reerguer e se encontrar dentro do mundo. Este cenário pode ser acompanhado na série intitulada de *POSE* (2018) de Ryan Murphy, onde o contexto social relatado anteriormente é retratado de maneira clara e profunda.

IMAGEM 18: Cena de *POSE* (2018).

FONTE: Acervo da internet.

> As mães ou pais de cada casa ofereciam uma espécie de família de acolhimento para muitos membros da comunidade que eram socialmente marginalizados, fosse pelo gênero, pela sexualidade ou pela etnia, e que se apoiavam mutuamente na aceitação e segurança do mundo *ballroom*, que era também visto como algo marginal na comunidade gay de Nova Iorque dos anos 80 (SCHIJEN, 2019, s.p.).

No decorrer dos anos, o estilo de *Voguing* foi evoluindo com influências de outros padrões de movimentação. O que antes era visto como uma sequência de poses estáticas que transitavam de umas para as outras, como se estivéssemos a folhear as páginas da *Vogue* (SCHIJEN, 2019), foi se modificando e adicionando elementos mais fluidos e dinâmicos, utilizando da flexibilidade, contração muscular, coordenação motora e expressão.

Com a evolução do *Voguing,* artistas consagrados da época demonstraram interesse pela cultura e trouxeram como referências para grandes trabalhos de sua carreira. A cantora pop Madonna é uma das maiores referências no mundo da música que foi responsável pela popularização do *Voguing* em meio a outros públicos. Ela descobriu a arte em uma discoteca chamada *Sound Factory* em *Manhattan* e junto com seu coreógrafo Jose Xtravaganza, se aprofundou na cultura para introduzi-la em seus próximos trabalhos. (SCHIJEN, 2019) A dança foi interpretada em um de seus *singles* de maiores sucessos chamado *Vogue*, alcançando as melhores posições em diversos países, e se tornando um dos videoclipes mais aclamados da cantora.

> A letra da canção convida para dançar *vogue* e atenta para possíveis formas de perceber o que e como vemos (*What are you looking at?)*; perceber o contexto onde estamos *(Look around)*; usar a imaginação *(All you need is your own imagination, so use it);* valorizar as diferenças para além das convenções de raça e gênero *(It makes no difference, if you're black or white, if you're a boy or a girl);* sentir-nos bonitos como somos, como superstars *(Beauty's where you find it. You're a superstar);* dançar *(Let your body move to the music. Let your body go with to the flow);* fazer pose, se posicionar *(Strike a pose).* A letra da canção Vogue parece jogar com os sentidos do termo *vogue* que, em inglês, pode significar a dança *vogue*, moda, pose e, ainda, aquilo que está em voga, que é popular (BERTE, 2014, p. 71).

Após a sua popularização, influenciando vários outros artistas da cultura pop ao decorrer dos anos, como Beyoncé e Lady Gaga, a arte *Voguing* começou a surgir dentro das escolas de danças pela demanda popular, se tornando uma modalidade de dança que logo se espalhou pelo mundo.

Dentro do *Voguing* existem alguns elementos que caracterizam as movimentações básicas utilizadas. O primeiro deles é conhecido como *Catwalk*, uma movimentação de deslocamentos fundamental da dança. O nome se dá pela forma como o(a) dançarino(a) se movimenta caminhando e rebolando de forma exagerada e extravagante, com os joelhos semiflexionados pisando um pé exatamente a frente do outro pé, como os gatos fazem quando caminham (por isso o prefixo *cat*). Os braços se movimentam realizando as poses ou a frente do corpo coordenados com a caminhada alternando as marcações das pisadas com os punhos. A intenção é se mostrar no palco como se estivesse desfilando.

Semelhante ao elemento anterior, temos o *Duckwalk* como outra movimentação de deslocamento. A dinâmica do passo é a mesma, porém o passo deve ser realizado com a flexão total dos joelhos, caminhando com o centro de massa mais próximo ao chão. Por isso dessa vez a referência do prefixo é *Duck*, simulando o andar de um pato. A movimentação de braços continua sendo a mesma.

Os *Dips*, também conhecidos como *DeathDrops*, são elementos que simulam quedas no chão, de forma exagerada, porém elegante. Acontecem com a flexão de um dos joelhos e a extensão da outra perna para cima de forma que o pouso no chão não machuque, podendo utilizar os braços e as mãos venham a amortecer a queda. É um elemento mais complexo, e pode gerar uma insegurança nos praticantes, mas os educativos para aprender tal movimentação iniciam-se do chão e vão evoluindo aos poucos para níveis maiores.

Ainda explorando movimentos no chão, há alguns elementos do *Voguing* que são mais livres e requerem criatividade e expressão dos dançarinos. O chamado *Floor*

Performance são movimentos realizados no nível baixo, próximo ao chão, onde cada um pode dançar e se expressar da forma que se sentirem à vontade, desde que lembrem das referências que a dança *Voguing* possui.

Por fim, temos as movimentações de braços, punhos e dedos que são conhecidas no *Voguing* como *Hands Performance*. Esses elementos simulam as poses já mencionadas antes de forma mais clara, e os dançarinos podem explorar e brincar com as movimentações e figuras que eles podem criar.

O *Voguing Dance* vem ganhando cada vez mais espaço nos dias de hoje. Nas grandes festas direcionadas para o público LGBTQIAP+ esta dança ainda é uma forte influência, seja no quesito musical, coreográfico e estético. Alguns programas de *reality show* como *"Legendary"* e *"Rupaul's Drag Race",* e artistas brasileiros como Pabllo Vittar e Glória Groove, por exemplo, contribuem para a disseminação dessa modalidade, trazendo muitos elementos do *Voguing*.

4.7 *HOUSE DANCE*

O *House Dance* nasceu junto com a *House Music* no início da década de 1980, em Chicago, no estado de Illinois. O estilo surgiu nos clubes após o fim da era Disco durante os tempos de clubes como o *"Chicago's Warehouse"* e em Nova York no *"The Loft e Paradise Garage"* (COLOMBERO, 2011 apud ARCE, 2017), sendo este o motivo do seu nome ser *House Dance*, pois seu desenvolvimento se deu nos clubes e não nas ruas. Esse estilo de clubes recebe muita influência de outras danças, como das danças africanas, danças latinas, dança brasileira, *jazz*, sapateado, entre outras. (RIBEIRO, CARDOSO, 2011).

Frankie Knuckles é considerado por muitos como o "pai" da *House Music*, sendo um dos pioneiros juntamente com o Tony Humphries. Na atualidade, existem o *Funky-House*, *Tech-House*, *Acid-House*, *Disco-House*, entre outras sub vertentes da *House Music*, mas embora diferentes todas elas possuem um elemento em comum que é uma batida 4/4 criada em bateria eletrônica com uma linha de baixo, gerada eletronicamente, e às vezes com acréscimos de *"samplers"* ou pequenas partes de vozes ou de instrumentos de outras músicas. (RIBEIRO, CARDOSO, 2011).

Atualmente, a dança House possui três movimentos principais: o ***Footwork***, que são movimentos feitos com os pés na posição em pé e que interpretam contratempos e

ritmos sutis presentes na música, similar ao sapateado; o ***Lofting***, que possui movimentações de pés similares aos realizados na dança *Breaking*; e o ***Jacking***, que consiste em realizar um movimento ondulante com o tronco para frente e para trás, como se uma onda estivesse passando pelo corpo. O *Jacking* é considerado por muitos como o movimento mais importante do *House Dance*, devido à base que ela proporciona para iniciar os *footworks* e os movimentos mais complexos. Além disso, o *House Dance* possui também técnicas e sub estilos como o *skating, stomping e shuffling.* (RIBEIRO, CARDOSO, 2011).

IMAGEM 19: Dançarinos realizando movimentos de *Footwork* característicos do *House Dance*.

FONTE: Acervo da internet.

Existem muitas danças anteriores ao *House Dance* que contribuíram e influenciaram direta ou indiretamente para o seu surgimento, tais como o *The Hustle, Waacking, Voguing,* dança em patins e até artes marciais. Além das danças, muitos artistas também contribuíram para o cenário do *House Dance*, como, "Brian 'Footwork' Green, Marjory Smarth, Caleaf Lojas, Ejoe Wilson, Terry Wright, Shannon Mabra, e Tony McGregor". (RIBEIRO, CARDOSO, 2011, p. 60).

Atualmente, o *House Dance* está presente em eventos de *Hip Hop* e em eventos específicos de *House Dance*, como os realizados em Nova York, tendo como exemplo o *House Dance Conference e House Dance Internacional NYC*. Com isso, continua sendo

um estilo em constante expansão com movimentações que influenciam outras danças. (RIBEIRO, CARDOSO, 2011).

IMAGEM 20: Banner de divulgação do Festival de Danças Urbanas *House Dance International NYC* de 2017.

FONTE: Acervo da internet.

4.8 *DANCE HALL/RAGGA*

O *Dance Hall* ou *Ragga* nasceu em 1980, na Jamaica, a partir das influências do Reggae. "O *Dancehall* ganhou seu nome em espaços populares de gravações jamaicanas, foi ao ar "*sound systems*" e facilmente consumido pelas "*setto-parties*", comumente conhecidas como "*dance halls*" (casa de dança)". (RIBEIRO, CARDOSO, 2011, p. 62). No início da era do *Dance Hall,* surgiram várias estrelas, como os cantores Barrington Levi, Frankie Paul, Junior Reid, Don Carlos, Al Campbell, Triston Palmer, Gregory Isaacs e Bunny Wailer. Portanto, foi no início da década de 1980 que ocorreram as principais manifestações da música e consequentemente da dança *Dance Hall.* (RIBEIRO, CARDOSO, 2011).

> A dança do Dance Hall ou Ragga é caracterizada por contrações e ondulações principalmente no quadril e membros inferiores, podemos assemelhar algumas movimentações a técnicas da dança Popping, dança do ventre e principalmente dança afro, contudo, o "feeling" do Dance Hall/Ragga tem um estilo próprio e particular. (RIBEIRO, CARDOSO, 2011, p. 64).

IMAGEM 21: Dançarina realizando movimentos de *Dance Hall*.

FONTE: Acervo da internet

O *Dance Hall* ampliou bastante sua visibilidade quando o atleta jamaicano Usain Bolt dançava após suas vitórias nas Olimpíadas de 2008, sendo produzidos, em seguida, vários documentários que retratam a Jamaica, sua cultura e sua dança. Além disso, Elephant Man também contribuiu para divulgação da música e da *Dança Ragga/Dance Hall* através de seu site (www.elephant-man.net), postando diversos videoaulas e vídeos com características voltadas para a prática de atividade física, sendo assim, um caminho para ampliação de pesquisas e estudos sobre a dança. (RIBEIRO, CARDOSO, 2011).

4.9 KRUMP

Diferente de outros estilos de dança, o nome KRUMP é uma sigla para *Kingdom Radically Uplifted Mighty Praise*, que na sua tradução significa Reino Inspirado Radicalmente Poderosamente Adorado. A característica do KRUMP é não ser violento, mesmo possuindo movimentos rápidos, fortes, aparentemente agressivos e que incluem contato físico entre os dançarinos, lembrando uma luta real. (RIBEIRO, CARDOSO, 2011). A dança KRUMP tem origem no sul de Los Angeles, ela faz referência a formas de danças africanas e seus movimentos livres expressam uma liberação de emoções reprimidas ou raiva, possuindo características expressivas e energéticas. (KAFAI; PEPPLER, 2008, tradução nossa).

IMAGEM 22: Dançarino mostrando expressões faciais de raiva e expressões corporais enérgicas e fortes, características da dança KRUMP.

FONTE: Acervo da internet.

> Por ser uma modalidade recente, o KRUMP recebe influências das danças urbanas antecessoras (umas em maior grau que outras), adicionando muita explosão em sua execução, tornando-o altamente expressivo, ou seja, não dá para "fazer de conta" que se dança KRUMP; sem desmerecer nenhuma outra modalidade e/ou estilo de dança, apenas estamos tentando transpor em palavras o alto grau de força e expressão utilizados nesta dança. (RIBEIRO, CARDOSO, 2011, p. 67).

O movimento cultural KRUMP teve um começo humilde. Seus primórdios remontam a 1992, quando Thomas Johnson se mudou para Los Angeles e após vários problemas, como a sua passagem na cadeia, decidiu mudar de vida e conseguiu um emprego de escrevente datilógrafo, mas foi trabalhando em festas de aniversário como palhaço, devido a sua personalidade otimista e senso de humor, que o 'Tommy *the Clown*' nasceu, sendo pioneiro do movimento *"Clowning"*. A dança *"Clowning"* visa entreter crianças e adolescentes fornecendo uma *vibe* positiva com performances de alta energia e que logo mais se tornou febre em Los Angeles, se espalhando no país inteiro. Com isso, chamou a atenção de vários jovens que ficavam nas esquinas tentando imitar o estilo de Tommy *the Clown*, como o Ceasare Wills (Tight Eyez). (RIBEIRO, CARDOSO, 2011).

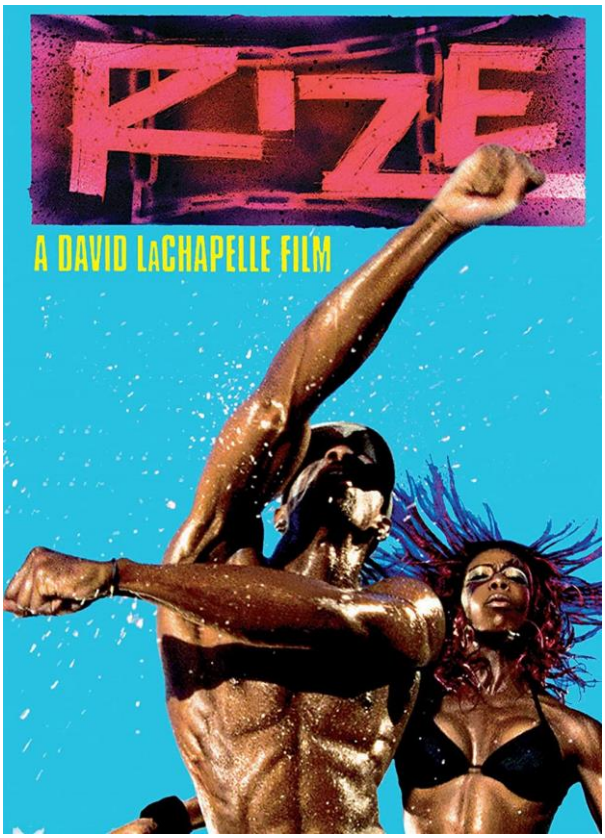
Tight Eyez tentou entrar na *crew* de Tommy *the Clown* quando eles estavam frequentando seu bairro, mas não passou. Logo após, ele ficou determinado a dominar os movimentos da dança Clowning e com sua constante prática e troca de ideias com seu novo amigo "Mijo" começaram a desenvolver a sua própria dança chamada "Wilin' Out". O desenvolvimento deste novo estilo os levou a participar de uma segunda audição com a *crew* de Tommy *the Clown*, o que gerou resultados positivos uma vez que os dois passaram. Porém, com o tempo ficou nítido que seu estilo era diferente dos outros *Clowners* (dançarinos de *Clowning*), nascendo assim um novo estilo eletrizante, chamado KRUMP, criados por Tight Eyez e Mijo. (RIBEIRO, CARDOSO, 2011). "O KRUMP se tornou um estilo mais agressivo do que o *Clowning*, e era uma forma de expressar raiva, frustração e outras emoções intensas, enquanto os espectadores se divertiam." (RIBEIRO, CARDOSO, 2011, p. 69).

Em 2003, Tight Eyez e Mijo conheceram o Doctor e, em 2004, criaram o grupo chamado *Krump Kings*, grupo esse que "participa ativamente do movimento cultural, seja produzindo músicas, vídeo aulas e *workshops* do gênero." (RIBEIRO, CARDOSO, 2011, p. 67).

Outras formas que contribuíram para o reconhecimento das danças KRUMP e *Clowning*, divulgação do movimento cultural e ampliação do número de participantes foram os filmes: *Rize* (2005) e *Poder no Ritmo* (2007); o programa de TV *"So You Think You Can Dance"*; e várias músicas da época. (RIBEIRO, CARDOSO, 2011). O KRUMP foi apresentado à grande mídia pela primeira vez no filme *Rize* de 2005, que documentou os fundadores e outros praticantes durante o início do KRUMP, ilustrando a história do estilo de diferentes formas desde os últimos distúrbios em 1992. (KAFAI; PEPPLER, 2008, tradução nossa).

> Ambos os estilos, Clowing e Krumping são muito recentes e estão em constante desenvolvimento, eles compartilham a mesma velocidade de execução com um padrão de movimento semelhante: um ritmo rápido no bobbling e jerking, assim como os constantes giros e flexões da coluna, também o thrust-out chest que pode ser chamado de krump ou um bobble bounce. (RIBEIRO, CARDOSO, 2011, p. 72).

IMAGEM 23: Pôster do filme *Rize* (2005).



FONTE: Acervo da internet.

Além do KRUMP possuir performances que se baseiam em interações coletivas em que todos compartilham seus movimentos e contribuem como espectadores e participantes, existe a presença do gênero cruzado, em que meninos e meninas de diferentes idades participam igualmente das danças. Em uma primeira visão, muitos dos movimentos de dança podem parecer muito agressivos, mas como significado os membros da comunidade usam o KRUMP para dar vazão a suas frustrações e raiva sobre as situações de opressão que sofrem da sociedade. Assim, o que aparece como agressivo para uma primeira visão ou aos de fora é, na verdade, uma reação à opressão da sociedade como experiência vivida por quem está por dentro dançando o KRUMP (KAFAI; PEPPLER, 2008, tradução nossa).

5. ABORDAGENS DE ENSINO

Existem diferentes possibilidades para o ensino das Danças Urbanas em diferentes espaços como: escolas de dança, escola de ensino básico, universidades, projetos sociais, dentre outros; assim como também existem diferentes públicos, níveis e campos de atuação. Entretanto, antes de iniciar o ensino das Danças Urbanas precisamos ter esses campos bem definidos, bem como os objetivos das aulas.

Dessa forma, precisamos identificar:

1° Qual o campo de atuação: Dança-educação, Dança-lazer ou Dança-profissão;

2° Qual o público: homens, mulheres, crianças…;

3° Qual o nível: iniciante, intermediário ou avançado;

4° Qual o objetivo: o que se pretende desenvolver nas aulas.

Em relação ao ensino dessa modalidade nas escolas de ensino básico, que é o principal foco desta apostila, é válido ressaltar que a própria Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a maior referência de currículo escolar em todo Brasil, propõe as Danças Urbanas como objeto de conhecimento da unidade temática de Dança dentro das aulas de Educação Física, nas séries de 6º e 7º ano dos anos finais do ensino fundamental. Esse objeto de conhecimento tem o intuito de trabalhar habilidades como: experimentar, fruir e recriar danças urbanas, identificando seus elementos constitutivos (ritmo, espaço, gestos); planejar e utilizar estratégias para aprender elementos constitutivos das danças urbanas; e diferenciar as danças urbanas das demais manifestações da dança, valorizando e respeitando os sentidos e significados atribuídos a eles por diferentes grupos sociais (BRASIL, 2017).

TABELA 2 – Objetos de Conhecimento da Educação Física - Ensino Fundamental Anos Finais (BNCC).

UNIDADES TEMÁTICAS	OBJETOS DE CONHECIMENTO	
	6º E 7º ANOS	8º E 9º ANOS
Brincadeiras e jogos	Jogos eletrônicos	
Esportes	Esportes de marca Esportes de precisão Esportes de invasão Esportes técnico--combinatórios	Esportes de rede/parede Esportes de campo e taco Esportes de invasão Esportes de combate
Ginásticas	Ginástica de condicionamento físico	Ginástica de condicionamento físico Ginástica de conscientização corporal
Danças	Danças urbanas	Danças de salão
Lutas	Lutas do Brasil	Lutas do mundo
Práticas corporais de aventura	Práticas corporais de aventura urbanas	Práticas corporais de aventura na natureza

FONTE: BNCC (2017, p. 231).

No ensino médio, a BNCC (BRASIL, 2017) sugere que as escolas flexibilizem a sua organização curricular de acordo com as demandas e aspirações dos estudantes, as necessidades de formação, as características da sua região e as culturas locais, podendo usar itinerários formativos. Algumas das possibilidades de itinerários formativos como oficinas, núcleos de estudo e núcleos de criação artística, podem ser utilizados, por exemplo, para trabalhar a cultura *Hip Hop* e suas diferentes perspectivas.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) indicam que dentro do bloco de atividades rítmicas expressivas, em que se encontra a Dança, os alunos do 1º, 2º, 3º e 4º ciclos do ensino fundamental, devem vivenciar as diversas manifestações da dança na escola, dentre elas, as danças que estão presentes nos centros urbanos, como as Danças Urbanas (BRASIL, 1998).

Em outros documentos oficiais dos estados brasileiros, como por exemplo, o Currículo do Estado do Ceará, encontra-se como conteúdo do 6° e 7° ano do Ensino Fundamental II, as Danças Urbanas, incluindo a cultura *Hip Hop*, o *Hip Hop Dance/Freestyle*, o *Breaking*, o *House Dance*, os elementos constitutivos das Danças Urbanas (ritmo, espaço, gestos), dentre outros, como parte da unidade temática de Dança (CEARÁ, 2019). No Currículo do Estado de São Paulo, o movimento *Hip Hop* encontra-se como um dos conteúdos a serem vistos no 9° ano do ensino fundamental II e 3° ano do Ensino Médio, dentro das manifestações rítmicas ligadas à cultura jovem (SÃO PAULO, 2011). No Currículo do Estado do Paraná, as Danças Urbanas também se fazem presentes

como objeto de conhecimento da unidade temática de Dança, para o 7° ano do Ensino Fundamental II (PARANÁ, 2018). Além desses documentos, existem muitos outros, que trazem a cultura *Hip Hop* e as Danças Urbanas como conteúdo das aulas de Educação Física escolar.

A partir dessas referências, elegemos o campo de **Dança-educação** para abordar o processo de ensino-aprendizagem da modalidade. Antes que os alunos saiam realizando os movimentos específicos de cada dança, seria interessante que os professores realizassem um trabalho rítmico, que podem ser:

> Atividades e/ou aulas coreografadas de forma simples visando desenvolver noções básicas de contagem musical, tempo inteiro, contratempo, lento, rápido, suave, forte... enfim... elementos que explorem variações rítmicas e de intensidade (RIBEIRO; CARDOSO, 2011, p. 80-81).

Em seguida, poderia ser realizado trabalhos de iniciação da modalidade específica. Ribeiro e Cardoso (2011, p.79) sugerem um modelo de ensino para diferentes públicos, iniciando pela modalidade mais atrativa de acordo com cada grupo até passar por todos os diferentes estilos das Danças Urbanas.

TABELA 3 – Modelo de ensino das Danças Urbanas.

CRIANÇAS	ADOLESCENTES		ADULTOS	
	Garotas	Garotos	Mulheres	Homens
Hip Hop	Hip Hop	Breaking	Hip Hop	Hip Hop
Popping	Dance Hall	Popping	Dance Hall	Popping
Breaking	Locking	Hip Hop	Locking	Krump
Krump	Breaking	Krump	House Dance	Breaking
Locking	House Dance	Locking	Breaking	Locking
Dance Hall	Krump	House Dance	Popping	House Dance
House Dance	Popping	Dance Hall	Krump	Dance Hall

FONTE: RIBEIRO; CARDOSO (2011, p. 79).

É importante salientar, que além das movimentações básicas de cada dança, o professor deve ensinar seus alunos a diferenciarem ou reconhecerem os seguintes itens:

TABELA 4 – Diferenciação e reconhecimento dos itens: vestuário, músicas e histórico.

Vestuário apropriado	Músicas	Histórico – mínimo
Tênis, roupas soltas/largas, acessórios de segurança (tensor, joelheira...), caracterização específica de cada estilo, estilos de época	Break Beat, Hip Hop, Rap, R&B, Funk Style, House	Nasceu nos Estados Unidos com influência Negra e Latina. Temos pelo menos 7 (sete) estilos de dança urbanas com suas variações, e as nomenclaturas dos movimentos citados em inglês

FONTE: RIBEIRO; CARDOSO (2011, p. 77).

Além disso, é imprescindível que os professores ensinem também a cultura e não apenas os movimentos, em qual contexto, quem, como e porquê aqueles movimentos foram criados. “Você não ensina Samba sem falar do Brasil, você não ensina *Dance Hall* sem falar da Jamaica, você não ensina *Hip Hop* sem falar de Nova York” (RIBEIRO; CARDOSO, 2011, p. 80 apud STRECH, 2009)

As diferentes modalidades das Danças Urbanas tiveram suas movimentações criadas em festas, encontros entre jovens, baladas e não necessariamente em uma sala de dança com espelhos. Dessa forma, para não perder a essência e para fazer com que seus alunos se movimentem espontaneamente, evitando que eles fiquem presos em coreografias e criando possibilidades para que eles exerçam a sua autonomia e criatividade, os professores devem criar estratégias que os faça dançar livremente, estimulando também a improvisação.

Dessa forma, o *Hip Hop* na escola e em outras instituições, apresentado como expressão cultural, artística e educativa, dará a oportunidade aos sujeitos de ressignificarem a sua realidade, valorizando as estéticas urbanas e as culturas aí implícitas que representam as suas próprias histórias de vida. Trazer o *Hip Hop* para a escola, é também abrir espaço para os projetos que são desenvolvidos fora da escola, nesse sentido, as aulas podem ser uma forma de comunicação entre a produção de saberes na escola e a atividades da vida cotidiana dos alunos.

6. ESTRATÉGIAS E PROPOSTAS DE ATIVIDADES PARA AS AULAS DE DANÇAS URBANAS

Os professores das escolas de ensino básico, podem propor como conteúdo das aulas: o histórico do *Hip Hop* e das diferentes vertentes das Danças Urbanas; os principais elementos do *Hip Hop* (DJ, MC, *Break* e Grafite); a musicalidade; o vestuário; as noções de tempo/ritmo/espaço/força; os fundamentos e movimentações específicas de cada dança; dentre outros. Esses conteúdos podem ser desenvolvidos em diferentes espaços da escola, como: a sala de aula, a quadra, os espaços ao ar livre, no auditório, e podem também ser adaptados para diferentes idades e níveis de ensino.

Ao ler este tópico e o tópico anterior, alguns professores que tem pouca ou nenhuma afinidade e experiência com as Danças Urbanas devem ficar se perguntando como poderão levar esses conteúdos para os seus alunos, principalmente de forma prática, se antes, nunca tiveram contato com essa modalidade. E a resposta é: você não precisa ser dançarino profissional para levar vivências de dança para os seus alunos. No entanto, você professor, precisa se preparar... use materiais de apoio, estude, faça o planejamento das suas aulas e desenvolva estratégias de ensino que você consiga colocar em ação.

Exemplos de material de apoio para o professor e para os alunos:

- Assistir vídeos, filmes, documentários e séries;
- Desenvolver slides;
- Desenvolver mapas mentais;
- Ler livros ou artigos;
- Escutar letras de músicas de RAP;
- Desenvolver brincadeiras e jogos;
- Compor letras de músicas, coreografias e artes plásticas;
- Dentre outras.

É válido ressaltar que essas estratégias e atividades propostas também podem ser adaptadas para outros ambientes além da escola, desde que sejam bem definidos os quatro aspectos citados no tópico anterior: campos de atuação, público, nível e objetivo. Além disso, os professores não devem se limitar apenas a essas propostas, pois as possibilidades de levar conteúdos da cultura *Hip Hop* e das Danças Urbanas são diversas.

6.1 PROPOSTAS DE ATIVIDADES

- **FAIXA ETÁRIA: Abaixo de 10 anos de idade**

1) Colorindo as vertentes das Danças Urbanas

Após uma ou algumas aulas de Danças Urbanas, o professor poderá entregar para os alunos uma folha com desenhos de pessoas fazendo passos de dança característicos das Danças Urbanas, como por exemplo: um boneco fazendo um *freeze* do *Breaking*. Com isso, ele poderá pedir que seus alunos reconheçam qual é a dança e pintem a figura correspondente, podendo usarem lápis de cores, giz de cera, canetinhas colorida, tintas, ou que estiver disponível para pintura.

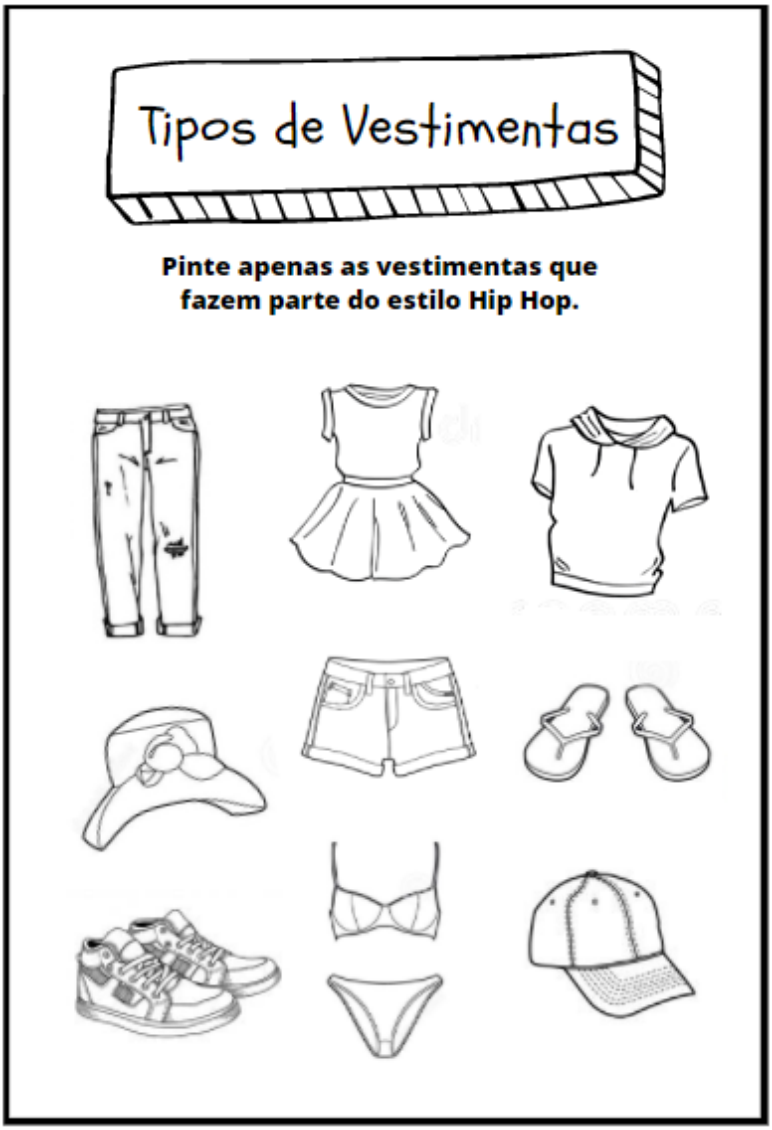
IMAGEM 24: Exemplo da proposta de atividade "1) Colorindo as vertentes das Danças Urbanas".

FONTE: Arquivo pessoal da autora Sarah Brito.

2) Colorindo as vestimentas características da cultura *Hip Hop*

Depois de abordar alguns contéudos do *Hip Hop* em aula, o professor poderá entregar aos seus alunos, uma folha contendo desenhos de diferentes tipos de vestimentas, calçados e acessórios, pertencentes e não pertencentes a cultura *Hip Hop* de forma bem misturada. Em seguida, pedirá que os alunos pintem somente as imagens de vestimentas, calçados e acessórios que fazem parte da cultura *Hip Hop*.

IMAGEM 25: Exemplo da proposta de atividade "2) Colorindo as vestimentas características da cultura *Hip Hop*".



FONTE: Arquivo pessoal da autora Sarah Brito.

3) **“Jô a cola” dançante**

Será iniciado a brincadeira de “jô a cola” convencional, em que o pegador deverá encostar em outro colega para deixá-lo “colado” (parado) no lugar, tendo o pegador o objetivo de pegar todos os colegas para ganhar o jogo. Porém, os alunos que não estão “colados” poderão “descolar” os seus colegas dançando na frente deles por no mínimo 3 segundos. Ao final de cada 2 minutos troca o pegador caso ele não tenha “colado” todos os outros colegas. O professor poderá escolher um ou dois passos de Danças Sociais antes do início da brincadeira para ser usado.

4) **Segue o professor mestre de dança**

O professor, na frente dos alunos, deverá realizar alguns passos de Danças Sociais ao som de diferentes músicas, tendo os alunos que segui-lo e assim tentar reproduzir os passos que o professor realizará. O mesmo pode ser feito no formato de estafetas (filas) que se movimente por todo o espaço disponível, gerando um momento de descontração e aprendizado.

5) **Brincadeira da estátua “estilosa”**

Essa atividade é parecida com a brincadeira de estátua convencional, mas ao invés dos alunos somente pararem em qualquer posição estática, deverão fazer isso por meio de poses características da dança *Breaking*, chamadas de *Stance*, demonstrando uma certa “atitude” característica da dança. Essa brincadeira pode ser utilizada antes ou depois do ensino do *Breaking*.

- **FAIXA ETÁRIA: 10 anos a 14 anos**

1) **Quiz sobre o *Hip Hop***

Após uma aula teórica sobre a cultura do *Hip Hop*, o professor poderá realizar um Quiz acerca deste conteúdo, dividindo a turma em dois ou mais equipe iguais, sorteando as perguntas sobre o conteúdo para cada grupo. Se a equipe acertar a pergunta marca ponto e se errar, a pergunta passa para a equipe seguinte, se nenhuma acertar, ninguém marca ponto. Vence o Quiz, a equipe que acertar mais perguntas corretamente.

2) **Jogo da Memória sobre *Hip Hop* ou passos de Danças Sociais**

O professor poderá produzir um jogo da memória convencional acerca desse conteúdo

com os próprios alunos dentro da sala de aula, utilizando materiais alternativos e imagens retiradas do Google e impressas. As imagens podem estar relacionadas tanto com a história e os elementos do *Hip Hop* no geral, como com os passos de Danças Sociais e seus nomes.

3) Brincadeira do morto e vivo "estiloso"

Essa atividade é parecida com a brincadeira convencional, mas ao invés dos alunos somente agacharem e levantarem da forma comum, deverão fazer isso por meio de poses características da dança *Breaking*, chamadas de *Stance*, demonstrando uma certa "atitude" característica da dança. Essa brincadeira pode ser utilizada antes ou depois do ensino do *Breaking*.

4) Demonstração e reprodução de passos sociais

O professor irá demonstrar alguns passos de Danças Sociais para os alunos e irá pedir que eles os reproduzam. Como uma alternativa para conseguir trabalhar também a noção de espaço e posicionamento, o professor poderá fazer os mesmos passos dentro da área de um arco ("bambolê") que será colocado no chão, ou de um círculo feito com giz, tendo as crianças que fazerem o mesmo com igual delimitação espacial.

5) Nomes dos passos de Danças Sociais

O professor escolherá alguns passos de Danças Sociais e colocará seus nomes nas paredes da sala de aula, toda vez que ele se posicionar de frente para um nome de um passo social, deverá demonstrar o passo respectivo para a turma. Em seguida, ele irá perguntar aos próprios alunos como é realizado cada passo falando apenas o nome, para eles relacionarem o nome ao movimento.

6) O Mestre Mandou

Para realizar essa atividade, cada aluno deverá demonstrar um passo social que ele tenha aprendido após a aula de passos de Danças Sociais, ou que tenha pesquisado em casa, para que os outros colegas reproduzam junto com ele. Cada aluno deverá demonstrar pelo menos um passo, e se possível falar o seu nome.

7) **Passos de Danças Sociais em deslocamento**

O professor colocará uma música e pedirá que os alunos se desloquem por toda a sala de aula fazendo os passos de Danças Sociais já aprendidos em aulas anteriores. Após a reprodução livre dos movimentos em sala, o professor poderá disponibilizar diferentes arcos no chão do espaço, em número menor do que a quantidade de alunos, e ao sinal do professor todos que estavam se deslocando na sala de aula deverão entrar rapidamente dentro do arco, não podendo ninguém ficar do lado de fora dos arcos, ou seja, terão que se equilibrar com os colegas dentro do espaço, trabalhando também a noção espacial e corporal.

8) **Gravação de vídeo**

Os alunos poderão escolher alguns passos aprendidos em sala ou após pesquisas em casa e gravá-los em casa. Em seguida, mandá-los para o professor, em que posteriormente ele poderá agrupar todos os vídeos mandados pelos alunos e fazer um compilado para mostrar em sala ou em outros momentos.

9) **Roda de Improviso (*Freestyle)***

Formando um círculo com os alunos, após as aulas de danças urbanas, o professor colocará uma música no estilo *Hip Hop* e deixará os alunos livres para entrarem na roda e dançar livremente de acordo com o que eles conhecem ou aprenderam sobre dança em sala ou em casa, para incentivá-los o próprio professor pode entrar na roda.

10) **Improviso com diferentes partes do corpo**

Ao som de alguma música escolhida pelo professor, ele pedirá que os alunos realizem e explorem o máximo de movimentações livres com partes do corpo isoladas, como por exemplo: cabeça, tronco, braços, mãos, pernas e pés. Em seguida, ele poderá pedir que os alunos realizem movimentos livres com todas as partes do corpo. Nessas movimentações os alunos podem incorporar diferentes linguagens das Danças Urbanas ou outras danças. Além disso, o professor pode pedir que os alunos façam essa atividade com os olhos fechados ou vendados, caso veja que eles estão envergonhados ou queira explorar outros sentidos que não seja a visão.

- **FAIXA ETÁRIA: 14 anos de idade acima**

1) **Reflexão crítica sobre o *Hip Hop* como forma de resistência**

Será apresentado a história do *Hip Hop* aos alunos em apresentação oral e/ou através de textos de artigos, livros ou vídeos. Após a conceituação da história do *Hip Hop* dando enfoque aos momentos de luta e resistência dos seus adeptos, será aberta uma discussão crítica entre os alunos acerca da marginalização, injustiça, discriminação, racismo, dentre outras questões sociais que possam surgir a partir dessa temática.

2) **Varal histórico do *Hip Hop***

Após uma aula teórica sobre a história do *Hip Hop*, o professor fará um varal em sala de aula com corda, barbante ou material que estiver à sua disposição. Em seguida, ele irá disponibilizar uma série de imagens impressas de diferentes momentos importantes da história da cultura *Hip Hop* e pregadores. Os alunos ficarão à vontade para pegar as imagens que quiserem e colocarem no varal no local onde acharem que está de acordo com a linha do tempo. Enquanto eles vão olhando para as imagens e pensando onde colocá-las, irão gerar reflexões e relembrar a história entre eles mesmos. Ao final, o professor pode perguntar o que aquela imagem significa e o porquê ela está naquele local do varal. Além disso, fazer as possíveis correções se necessário.

3) **Cartaz criativo/mapa mental sobre a história do *Hip Hop* e as Danças Urbanas**

Após uma aula teórica sobre a história do *Hip Hop* e as Danças Urbanas, o professor poderá dividir a turma em alguns grupos de 3 a 5 pessoas. Cada grupo receberá uma cartolina, revistas, jornais, canetas, canetinhas, tintas, dentre outros materiais, e deverá montar um cartaz com colagens criativas e anotações ou mapas mentais que retratem o conteúdo abordado. Em seguida, cada grupo deverá explicar o seu cartaz para a turma.

4) **Conhecendo passos específicos das vertentes das Danças Urbanas**

O professor pode escolher uma ou mais vertentes das Danças Urbanas para aprofundar, por exemplo, o *Breaking*, e pedir que seus alunos pesquisem imagens de revistas, sites e internet, alguns passos de dança específicos daquelas vertentes escolhidos por ele anteriormente, como: moinho de vento, *flare, 6 steps, head spin*, e etc. Os alunos deverão colar essas imagens em seus cadernos ou em cartazes ao lado do nome do passo, junto de uma explicação resumida de como o passo é feito.

Em complemento a essa atividade, o professor poderá ensinar os passos escolhidos para a pesquisa dos alunos, e ensiná-los para a turma.

5) **Composição coreográfica feita pelos alunos**

Depois das primeiras aulas, em que o professor já tenha abordado conteúdos práticos relacionados às Danças Urbanas, ele poderá pedir que os alunos formem dois ou três grupos e que cada grupo crie uma ou duas sequências de oito tempos usando de Danças Urbanas ritmados a uma música escolhida pelos alunos ou professor, para que posteriormente cada grupo demonstre sua coreografia para o restante da turma. Como complemento, os grupos poderão dançar um após o outro os seus respectivos passos, fazendo uma dança conjunta, ou podem ensinar uns aos outros seus passos para que assim todos da turma possam dançar juntos.

Além disso, outro complemento que poderia ser usado junto da dança, seria a composição de um RAP, onde os alunos de cada grupo iriam compor letras retratando e criticando injustiças sociais da nossa sociedade e/ou que cada um enfrenta no seu dia a dia, aplicando esse RAP juntamente com a sequência coreográfica criada por eles. Após a finalização da apresentação, o professor poderá formar uma roda de conversa para falarem sobre o processo de criação, sobre as temáticas trazidas nos RAPs e etc.

LINKS SUGERIDOS

- ## HISTÓRIA DO *HIP HOP*

2015 - Nos tempos da São Bento: Documentário Completo - https://www.youtube.com/watch?v=jtkND9L4IKQ&list=PLI9ONEOTEQ9w7RUyvmBWHcOol3aNSCJiI&index=2

2016 - Hip Hop Evolution – Documentário Netflix.

2016 - The Get Down – Documentário Netflix.

2016 – O nome "Hip Hop Dance?" (Henrique Bianchini) - https://www.youtube.com/watch?v=yhUvgpKE_DQ&t=8s

2017 – Griot Urbano – Início do Hip Hop [Ep. 1] (1ª temporada) - https://www.youtube.com/watch?v=blglq25aomk&list=PLiiIuYATTB9EhJpLbN9zKKvcJT44ufLKb&index=4

2017 – Griot Urbano – As Gangues e o Hip Hop [Ep. 2] (1ª temporada) - https://www.youtube.com/watch?v=GQobPjUHmTE&list=PLiiIuYATTB9EhJpLbN9zKKvcJT44ufLKb&index=3

2017 – Griot Urbano – Bambaataa, Zulu Nation e o Conhecimento [Ep. 3] (1ª temporada) - https://www.youtube.com/watch?v=KwDz0drMyFo&list=PLiiIuYATTB9EhJpLbN9zKKvcJT44ufLKb&index=2

2017 – Griot Urbano – 9 Elementos do Hip Hop [Ep. 4] (1ª temporada) - https://www.youtube.com/watch?v=KwDz0drMyFo&list=PLiiIuYATTB9EhJpLbN9zKKvcJT44ufLKb&index=2

- ## *LOCKING*

2006 - Hilty & Bosch - Red Bull BC One 2005 - DVD RIP High Quality - https://www.youtube.com/watch?v=6Y3OzrnBBlc

2011 - DON CAMPBELLOCK JUDGE SHOWCASE - https://www.youtube.com/watch?v=NnAzxF61MZQ

2013 - StreetScape vs. The Lockers (Locking Focus Edit) - https://www.youtube.com/watch?v=w8t3bMvkGAw

2016 - Don "Campbellock" Campbell - The Creator of Locking - Locking4Life Tributes - https://www.youtube.com/watch?v=LKFafJWpiyc

2018 - Original Lock Dance / THE LOCKERS - https://www.youtube.com/watch?v=2iN5CfVPRzU

- ## *BREAKING*

2006 - Sonic vs. Pelezinho - Red Bull BC One 2005 - High Quality - https://www.youtube.com/watch?v=vWzTla6TReA

2013 - BGIRL TERRA vs BBOY LEELOU - Amazing Baby Battle (CHELLES BATTLE PRO 2013) - Video HD HQ - https://www.youtube.com/watch?v=J68Y0XYtmzA

2013 - Jungle - Platoon - https://www.youtube.com/watch?v=9JkDzNOgO3U

2018 - TOP 10 Best Powermoves Sets of 2018 - https://www.youtube.com/watch?v=qvrMhdQE6zM

2019 - 50 Toprocks & Variations under 5 Minutes - https://www.youtube.com/watch?v=zMhTaatkbLc&t=158s

2019 – 50 Footworks & Varations under 5 Minutes -

https://www.youtube.com/watch?v=veqDzSiqhes&t=57s

- ***POPPING***

2011 - boogaloo sam judge showcase - funkology 5 - https://www.youtube.com/watch?v=q9Qet7kVjF0

2011 - DON CAMPBELLOCK JUDGE SHOWCASE - https://www.youtube.com/watch?v=NnAzxF61MZQ

2012 - ElectricBoogaloo.mp4 - https://www.youtube.com/watch?v=8ifbd3-KVIo

2013 - Popping Judge Solo - Boogaloo Sam | 20130303 OBS VOL.7 TAIWAN FINAL - https://www.youtube.com/watch?v=LaRywNL333c

2013 - Melhor Dançarino do Mundo - https://www.youtube.com/watch?v=o6olgXR6pbQ

2016 - Os melhores dançarinos do mundo / Dytto, poppin john, nostop - https://www.youtube.com/watch?v=4dojeLPyngI

2016 - Chain Hang Low BEST DANCE - Fik-Shun - Do Your Chain Hang Low - https://www.youtube.com/watch?v=_9FTgVluKuw

- ***HIP HOP DANCE/FREESTYLE***

2010 - Hip Hop Old School Dictionary - https://www.youtube.com/watch?v=SqB6zWQaWV0

2010 – Hip Hop Middle School Dictionary - https://www.youtube.com/watch?v=mpiv2ac2ZdA&t=282s

2010 – Hip Hop New School Dictionary - https://www.youtube.com/watch?v=AuePlG9HJpU&t=223s

2016 - O nome "Hip Hop Dance"? (Henrique Bianchini) - https://www.youtube.com/watch?v=yhUvgpKE_DQ&list=PLI9ONEOTEQ9w7RUyvmBWHcOol3aNSCJiI

2020 – Old School Steps for Hip Hop Dance – Social Dances, Basic, Foundations / 85 Steps - https://www.youtube.com/watch?v=s5cYUX4ed-E&t=369s

- ***WAACKING***

2011 - Toni Brasil's Street Life - https://www.youtube.com/watch?v=ASOkrpZKux0

2016 - Lip J vs Bagsy_OLD SCHOOL NIGHT VOL.18_WAACKING 1on1 BATTLE SEMI FINAL - https://www.youtube.com/watch?v=SWzYWARyRr8

2018 - Lip J - WAACKING showcase at KOD // .stance - https://www.youtube.com/watch?v=tCDqCnOqOas

- ***VOGUING***

1990 – Vogue – Madonna - https://www.youtube.com/watch?v=GuJQSAiODqI

2018 – House of Abundance vs. House of Evangelista / Pose S01E01 - https://www.youtube.com/watch?v=avMbAiDH8qo

2019 – How to vogue better than Madonna in 3 minutes (and it's rich queer history) - https://www.youtube.com/watch?v=Gyp4WoeDcz0&t=106s

- ***HOUSE DANCE***

2010 - House Old School Dictionary - https://www.youtube.com/watch?v=g2Mp2jQMuiU

2010 - House Middle School Dictionary - https://www.youtube.com/watch?v=YELoYSdN92U

2010 - House New School Dictionary - https://www.youtube.com/watch?v=tVFQZeC_dsM&t=4s

2014 - Festival House Dance Internacional NYC - https://www.youtube.com/watch?v=HNZqxcpa-YA

- ***DANCE HALL/RAGGA***

2017 - Dancehall Documentary - Ep.1 : "Back to basics" SUB (sous-titres): FR RU USESHU - https://www.youtube.com/watch?v=YmFyEVE1hDI&t=270s

2018 - Dancehall Documentary - Ep. 2.1 "Rapid Burst (Daggaring)" SUB (sous-titres): FR USRUEAHU - https://www.youtube.com/watch?v=44kwy4bs4PE&t=8s

2019 - Corps D'Elite / Dancehall - https://www.youtube.com/watch?v=kt_U9LmSrSQ

2020 - DanceHall Dance Moves - https://www.youtube.com/watch?v=IV0Mih6lwVc

- **KRUMP**

2005 - Trailer de Rize - https://www.youtube.com/watch?v=mRHqvnV9Pfg

2013 - EBS KRUMP WORLD CHAMPIONSHIP - RUIN (USA) VS MONSTA NY AKA GRICHKA (France) - www.ebs-krump.net - https://www.youtube.com/watch?v=MQiP8pGbu5o

2017 - Ante Up - Busta Rhymes / Tight Eyez Choreography & Freestyle / 310XT Films / URBAN DANCE CAMP - https://www.youtube.com/watch?v=i2vW_TozssA

REFERÊNCIAS

ARCE, Luan Dalmaso et al. **A Importância do breaking e das danças urbanas no ambiente escolar.** 2017.

BERTE, Odailso. **Vogue: dança a partir de relações corpo – imagem. Dança**, Salvador, v.3, n 2, p. 69-80, jul./dez. 2014.

BIANCHINI, Henrique. **Street Dance e Hip Hop.** Henrique Bianchini, Estudos sobre as Danças Urbanas, [s.d.]. Disponível em: <https://022aea09-dad6-4d96-bd30-935de5857a6d.filesusr.com/ugd/2511b4_a3d1f1a2c96549499b215dce267927ac.pdf>. Acesso em: 16 de fevereiro de 2021.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular. Ensino Fundamental.** Brasília: MEC, 2017.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular. Ensino Médio.** Brasília: MEC, 2017.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs): Educação Física**. Secretaria de Educação Fundamental - Brasília MEC/SEF, 1998.

CEARÁ. Governo do estado do Ceará. Secretaria da Educação. **Documento Curricular Referencial do Ceará.** 2019

FERREIRA, Anne Caroline Paz. **ANÁLISE DE MEMBROS SUPERIORES E INFERIORES EM MOVIMENTOS DE WAACKING.** ESTUDOS DO CORPO I, p. 41. 2016.

GOMES, Luis Henrique Oliveira. **Dançando o ritmo do preconceito: uma análise do estido Wacking com o enfoque no sexo masculino.** 2015.

GONÇALVES, Joana Brauer. **Bohemian rhapsody: performance, ritual e relações de gênero no breaking.** 2012.

LIMA, Patrícia Oliveira De Daniele; SILVA, Ana Marcia. **Para além do Hip Hop: juventude, cidadania e movimento social.** Motrivivência, n. 23, p. 61-82, 2004.

MORAIS, Sarah Brito de. **Uma análise da esportivização do Breaking: das ruas à cena olímpica**. 2022. Trabalho do Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Educação Física e Esportes, Curso de Educação Física, Fortaleza.

PARANÁ. **Referencial Curricular do Paraná: princípios, direitos e orientações.** 2018.

PARIS IS BURNING; Direção: Jennie Livingstone. Produção: Academy Entertainment Off White Productions. Estados Unidos da América, Miramax Films, 1990.

POSE; Direção: Ryan Murphy. Estados Unidos da América, 20th Television (t. 1–2)Disney-ABC Domestic Television (t. 3), 2018.

RIBEIRO, Ana Cristina; CARDOSO, José Ricardo. **Dança de rua**. Editora Átomo, 2011.

SALVIANO, Willian da Cruz. **Breaking e desenvolvimento motor: processo de ensino e maturação do movimento especializado freeze.** 2019.

SANTOS, Anderson Mateus. Danças Urbanas: das ruas aos palcos. 2014.

SÃO PAULO. Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. **Currículo do estado de São Paulo: linguagens, códigos e suas tecnologias.** Ensino Fundamental Ciclo II e Ensino Médio. 2ª ed., 2011.

SCHIJEN, Sarah. **Uma breve história sobre o voguing, contada pela Vogue.** Vogue, Portugal, 2019. Disponível em: https://www.vogue.pt/voguing-historia-danca.

SEPULVEDA, Denize; CORREA, Renan; FREIRE, Priscila. **Gêneros e sexualidades [livro eletrônico]: noções, símbolos e datas**. Rio de Janeiro, RJ: Ed. dos Autores, 2021.

STOPPA, EdmurAntonio. **Tá ligado mano": o hip hop como lazer e busca da cidadania**. 2005. Tese de Doutorado. Tese de Doutorado em Educação Física, Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.